

ARQUITOS DO VELHO



Número 198
Novembro 20



*Enquanto Deus
e enquanto Homem*

*Flashes
de Fátima*



Suplico-vos que mudeis de vida

Dirijo-me a ti, irmão, irmã que vives em pecado mortal, com ódio, na lama da impureza, cada dia mais próximo da boca do inferno: detém-te e volta atrás! Jesus te chama e com toda a eloquência das suas feridas apela ao teu coração: “Meu filho, minha filha, se te condenares, não te queixes a não ser de ti. Escuta, alma querida, estas minhas últimas palavras. Tu Me custaste Sangue. Se, apesar do Sangue que por ti derramei, queres te condenar, não te queixes de Mim, mas de ti, e lembra-te disto por toda a eternidade. Se fores condenado, será porque quiseste sê-lo, contra a minha vontade”.

Haverá alguém aqui que, a despeito de tantas graças e ajudas de Deus, insista em precipitar-se no inferno? Se houver, queira escutar-me:

“Pecadores, de joelhos a vossos pés, suplico-vos pelo Sangue de Jesus, pelo Coração de Maria: mudai de vida, retomai o caminho do Paraíso, fazei todo o possível para incluir-vos no pequeno número dos eleitos. Prostrai-vos aos pés de Jesus e, com olhos em lágrimas, cabeça inclinada, coração contrito e humilhado, dizei-Lhe: ‘Confesso, meu Deus, que até agora tenho vivido pior que um pagão. Não mereço ser contado entre os vossos eleitos, reconheço



São Leonardo de Porto Maurício
Museu dos Descalços, Lima

Gustavo Kraij

que mereço a eterna condenação, mas sei como é grande vossa misericórdia. Assim, cheio de confiança no auxílio de vossa graça, protesto que quero salvar minha alma. Sim, quero salvar-me mesmo que seja à custa da fortuna, da honra, da própria vida. Arrependo-me, detesto minha infidelidade e Vos peço humildemente perdão. Perdoai-me, meu amado Jesus, e fortalecei-me para que eu me salve. Não Vos peço riquezas, nem honras, nem prosperidade. Peço só a salvação de minha alma”.

São Leonardo de Porto Maurício



Flashes de Fátima

Boletim da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXI nº 198 - Novembro 2019

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Ir. Guy Gabriel de Ridder, EP;
Ir. Juliane Vasconcelos A. Campos, EP;
Severiano Antonio de Oliveira

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. de Berna 30, 2º E

1050-042 Lisboa

I.C.S./D.R. nº 120.975

Dep. Legal nº 112719/97

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

www.arautos.pt / www.arautos.org

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em

<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.

Rua de D. João IV 691/700

4000-299 - Porto

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



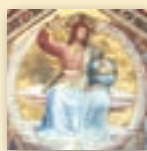
Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 30.000 exemplares

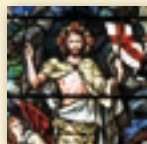
SUMÁRIO

Escrevem os leitores 4

Jesus reina! Mas não conforme
o mundo... (Editorial) 5



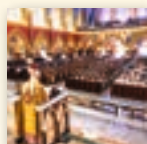
A voz dos Papas –
O suave jugo de Cristo



Comentário ao Evangelho –
Viver na perspectiva da
Ressurreição



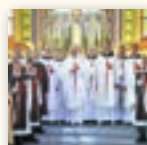
Vivamos juntos a fé
em Cristo!



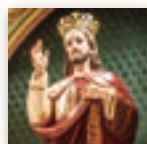
Comentário à parábola do
rico e Lázaro – Ser pobres
diante de Deus



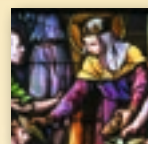
Entrevista com o Cardeal
Péter Erdő – Juventude e
devoção eucarística



O verdadeiro significado
das palavras



Grandeza régia de Nosso
Senhor Jesus Cristo



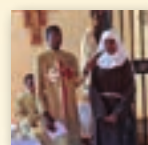
Santa Margarida da
Escócia – Mãe e rainha
do seu povo



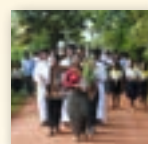
"Amai os vossos
inimigos"?



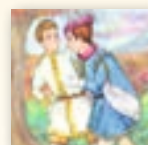
Luzes da intercessão de
Dona Lucília – Sob a
maternal proteção
de um xale lilás



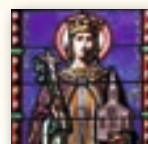
Arautos no mundo



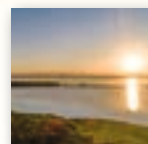
Aconteceu na Igreja e
no mundo



História para crianças...
É preciso ter união



Os Santos de
cada dia



Um convite a conversar
sobre o Paraíso

..... 26

..... 50

ESCREVEM OS LEITORES



"O INÉDITO SOBRE OS EVANGELHOS"

Gostaria de encomendar a coleção dos sete volumes [de *O inédito sobre os Evangelhos*]. Tenho lido muitos dos comentários de Mons. Dias publicados em sua Revista e me alegro muito saber que esses escritos estão disponíveis.

Dom Gregory John Bittman
Bispo de Nelson – British Columbia
Canadá

HOJE NÃO SE VÊ TANTOS JOVENS COM ESSA FORMAÇÃO

O que mais me deixa encantada é a juventude. Nos dias de hoje não se vê tantos jovens, tanto no campo masculino quanto no feminino, com uma formação como a deles. São diferenciados, educadíssimos, sempre há uma ordem em seus eventos, como não se vê em lugar nenhum.

Quando pensamos que a juventude está indo por caminhos tortuosos, aparecem os Arautos para salvar esses jovens. O amor que eles têm pela Eucaristia, pelo Papa, a devoção a Nossa Senhora, no mundo de hoje é raro; enquanto o mundo está de cabeça para baixo, surgem os Arautos para o levantar, como em todas as épocas aparece alguém para tirar a sociedade das garras do mal.

Só tenho a agradecer por tantas coisas que aprendi e quero passar para outros o que estão me ensinando. Meus filhos foram formados por eles. Constituíram família e hoje ainda estão ligados aos Arautos.

Renildes de Brito Pereira
Contagem – Brasil

IRMÃOS QUE CONVIVEM UNIDOS A DEUS

Deus os siga iluminando em sua obra maravilhosa de anúncio do Evangelho! Imagino Jesus e a Santíssima Virgem contemplando tantos filhos e filhas a caminho do Céu! Como é belo ver tantos irmãos convivendo unidos a Deus, suas animadas reuniões para tanta juventude, os cursos para os aspirantes. Impossível é não rezar o Santo Rosário por todos esses jovens e pedir a Deus Pai que os abençoe a cada dia, para seguirem evangelizando em tantos países e levando esse chamado universal à santidade.

Qual não foi também minha alegria quando soube que dezessete novos arautos foram ordenados sacerdotes! Bendito sejais para sempre, meu Senhor, por vossa misericórdia para com vossa serva.

Herminia Torres
Osorno – Chile

FAZEM EXATAMENTE O QUE A IGREJA SEMPRE FEZ

É uma imensa alegria receber a revista *Arautos do Evangelho* todos os meses e constatar, edição após edição, que ela não faz outra coisa senão elevar nossa alma a Deus. Pois todo católico tem como objetivo nesta vida ir subindo até a Divina Majestade através de três rastros deixados por Ele na terra: a verdade, a beleza e o bem.

Tanto o conteúdo quanto a parte gráfica são um deleite para a alma verdadeiramente católica que busca refrigério e amparo neste mundo sombrio, que virou inteiramente as costas a nosso Salvador. Não há como não passar dias lendo, admirando e tirando conclusões a respei-

to do que nos é apresentado, pois a Igreja Católica Apostólica Romana é uma fonte inesgotável de tesouros.

Mons. João e os outros arautos fazem exatamente o que Igreja, que é Mãe, sempre fez, isto é, traduzem o divino e nos educam na Fé, com uma linguagem muito acessível e dinâmica, além de fazerem justiça ao nome que portam, ao “irem pelo mundo inteiro anunciando o Evangelho a toda criatura”. Isto é muito bonito e nos exorta a, como soldados de Cristo, imitarmos seu exemplo.

Rogo a Maria Santíssima que esta abençoada publicação, fruto do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, perdure até o consumir dos séculos, nos formando, informando e conduzindo até onde veremos, face a face, as maravilhas por nós contempladas.

Jullienne Santos
São Paulo – Brasil

PREZA POR TRANSMITIR OS ENSINAMENTOS DO DIVINO MESTRE

Num mundo tão secularizado, onde a presença de Deus é cada vez mais ignorada, é alentador ter acesso a um veículo de comunicação que preza por transmitir os ensinamentos do Divino Mestre, as notícias da Igreja, a vida dos Santos, a arte sacra e tudo o que encontramos em cada seção.

Como em nossa casa recebemos dois exemplares, um meu e outro de minha esposa, depois de lermos, temos o costume de doar uma das Revistas para as pessoas junto às quais executamos algum apostolado. Rogo à Virgem Santíssima que permita aos Arautos do Evangelho manterem esta publicação ativa até que se estabeleça seu Reino sobre a terra.

Pío Quimas de Oliveira
Macaé – Brasil

JESUS REINA!

MAS NÃO CONFORME O MUNDO...

A Solenidade de Cristo Rei, instituída em 1925 por Pio XI, ratificou uma antiga devoção popular, sustentada em numerosas passagens das Sagradas Escrituras. E, ao situá-la como fecho do ciclo litúrgico, a reforma pós-conciliar trouxe, por sua vez, um especial brilho à Igreja, pois esta comemoração passou a significar a entrega do ano a Cristo Rei, em cujas mãos, conforme prega São Paulo, devem ser postas “todas as coisas, as que estão nos Céus e as que estão na terra” (Ef 1, 10).

Em Nosso Senhor coexistem duas naturezas, uma humana e outra divina, unidas numa só Pessoa Divina. N’Ele se somam de modo esplendoroso as infinitas perfeições de Deus e todas as qualidades humanas possíveis, em grau insuperável. Jesus é Rei enquanto Deus e Criador, mas também enquanto Homem, possuindo todos os atributos reais – a excelência, a linhagem, o poder, a grandeza... –, aos quais se acrescentam os méritos de sua imolação.

O domínio universal de Deus é absoluto. Ele pode criar qualquer coisa a qualquer momento, ou fazê-la voltar ao nada num instante. Pela união de naturezas, Jesus-Homem detém igual potestade, que Lhe outorga a mesma facilidade tanto para curar a vista de um cego quanto para dar-lhe um novo par de olhos... Compreende-se, assim, a admiração dos judeus, os quais glorificavam a Deus “por ter dado tal poder aos homens” (Mt 9, 8).

Jesus, porém, afirma: “Meu Reino não é deste mundo” (Jo 18, 36). E isso desperta uma pergunta: por que então Ele nos mandou pedir, no Pai-Nosso, que esse Reino “venha a nós” (cf. Mt 6, 10)? Porque Cristo estabelece seu domínio sobre os homens não à maneira dos soberanos terrenos, mas sim agindo sobre seus corações, que, aliás, Lhe pertencem, pois Ele os criou.

A recusa em reconhecer esse reinado constitui não um mero ato de insubordinação, mas uma subversão da ordem natural, pois supõe a revolta contra Aquele que nos deu o ser. Em sentido contrário, aceitar o jugo suave e o peso leve de Cristo (cf. Mt 11, 30) significa enveredar pela Porta da Salvação, única que conduz a humanidade ao verdadeiro caminho.

Jesus é Rei e centro de todos os corações, algo muito superior a exercer o mando desde um trono terreno, pois significa governar o mundo pelo seu lado mais alto e perfeito, conduzindo deste modo os rumos da História. Corresponde à dupla natureza d’Ele um domínio do qual ninguém escapa, seja pela misericórdia, seja pela justiça, e cujo derradeiro ato se dará quando, por ocasião de nosso juízo particular, conhecendo o íntimo dos corações Ele nos designe o respectivo destino eterno: prêmio ou castigo.

Para compreender em que consiste o reinado de Cristo nesta terra seria preciso, portanto, penetrar no belíssimo jogo de influências por Ele exercidas sobre os corações, congregando-os em torno de Si à maneira do ímã que atrai a limalha de ferro. Jesus reina pela graça: nas almas Ele infundiu sua Lei, mas é no coração do homem que, por meio de Maria Santíssima, quer Ele estabelecer o seu trono. ✧



Cristo Rei - Igreja de Santo Domingo, Cuenca (Equador)

Foto: Juan Carlos Villagómez



O suave jugo de Cristo

Se todo poder foi dado a Ele no Céu e na terra, e se os homens, resgatados por seu Preciosíssimo Sangue, tornam-se a novo título súditos de seu império, é forçoso concluir que nenhuma de nossas faculdades pode subtrair-se a essa soberania.

Em nossa primeira encíclica analisamos a causa mais profunda das calamidades que víamos afligir e oprimir o gênero humano e proclamamos abertamente duas coisas.

A primeira é que esse transbordamento de males sobre o universo provinha do fato de terem os homens, em sua maioria, descartado Jesus Cristo e sua santíssima Lei, não só da vida individual, mas também da familiar e da pública. E a segunda, que jamais poderá reluzir uma firme esperança de paz duradoura entre os povos enquanto os indivíduos e as nações se recusarem a reconhecer e proclamar a soberania de nosso Salvador.

Motivo pelo qual, após afirmar a necessidade de procurar a paz de Cristo no Reino de Cristo, declaramos nossa intenção de para isso trabalhar com todas as nossas forças. No Reino de Cristo, dissemos, pois, para restabelecer e consolidar a paz, não vemos um meio mais eficaz que restaurar a soberania de Nosso Senhor. [...]

Rei em sentido próprio e estrito

Desde muito tempo dá-se a Cristo, na linguagem corrente, o título de Rei, no sentido metafórico da palavra. Ele é de fato Rei, devido ao supremo grau de excelência pelo qual Se eleva acima de todas as criaturas.

Diz-se, assim, que Ele reina sobre todas as humanas inteligências, não só pela penetração de seu espírito e pelo altíssimo grau de sua ciência, mas sobretudo porque Ele é a Verdade e é d'Ele que os homens devem receber e aceitar docilmente a verdade. Diz-se ainda que Cristo reina sobre as vontades humanas, não só porque n'Ele a vontade humana é total e perfeitamente submissa à santa vontade divina, mas também porque, sob suas moções e inspirações, nossa livre vontade se entusiasma pelas mais nobres causas. Por fim, diz-se que Ele é Rei dos corações por causa de sua inconcebível caridade, “que desafia todo conhecimento” (Ef 3, 19), e de sua doçura e bondade, que atraem para Ele todos os corações: em todo o gênero humano nunca houve nem haverá pessoa tão digna de amor como Cristo Jesus.

Entretanto, entrando mais a fundo no assunto, é de toda evidência que também no sentido estrito da palavra deve-se dar a Jesus Cristo Homem o título e o poder de Rei; pois exclusivamente d'Ele se pode dizer que recebeu do Pai “o império, a glória e a realeza” (Dn 7, 14), e porque, como Verbo de Deus, consubstancial ao Pai, Ele tem tudo em comum com o Pai e, por conseguinte, detém a soberania suprema e absoluta sobre todas as criaturas.

Fundamento bíblico e litúrgico

Que Cristo é Rei, no-lo dizem incontáveis passagens das Sagradas Escrituras. [...] Desta doutrina, comum a todos os Livros Santos, deriva naturalmente a seguinte consequência: sendo a Igreja Católica o Reino de Cristo na terra, destinada a estender-se a todos os homens e todas as nações do universo, devia ela, ao longo do ciclo anual da Liturgia, glorificar com múltiplas manifestações de veneração seu Autor e Fundador como soberano Senhor, Rei dos reis.

Com uma admirável variedade de fórmulas, essas homenagens exprimem um único conceito; a Igreja as usava outrora em sua salmódia e nos antigos sacramentários, e as utiliza agora nas preces públicas do Ofício, que eleva todo dia à divina majestade, como também na Santa Missa, na imolação da Hóstia imaculada. Nesse perpétuo louvor a Cristo Rei, é fácil perceber o maravilhoso acordo entre nossos ritos e os do Oriente, de modo que aqui também se verifica a exatidão da máxima: “a lei da oração é a lei da Fé”.

Fomos resgatados pelo seu Sangue Precioso

São Cirilo de Alexandria nos indica muito bem o fundamen-



Jesus Cristo, Rei do Universo
Catedral de Orvieto (Itália)

to dessa dignidade e desse poder de Nosso Senhor: “Para dizer numa só palavra, a soberania que Jesus possui sobre todas as criaturas, Ele não a arrebatou pela força nem a recebeu de outrem, mas é privilégio de sua essência e de sua natureza”.¹ Em outros termos, seu poder real repousa sobre esta admirável união denominada hipostática. Daí resulta que os Anjos e os homens devem não só adorar a Cristo como Deus, mas também serem obedientes e submissos à autoridade que Ele tem enquanto Homem; pois basta a união hipostática para conferir a Cristo poder sobre todas as criaturas.

Contudo, que poderá haver para nós de mais doce e suave do que o pensamento de que Cristo reina sobre nós não só por direito de natureza, mas também por direito de conquista, por nos ter redimido? Ah! Possam todos os homens que O esquecem recordarem-se do preço que custamos a nosso Salvador! “Não fostes resgatados por ouro nem prata corruptíveis, mas pelo precioso Sangue de Cristo, Cordeiro sem mancha e sem defeito” (I Pd 1, 18-19). Cristo nos resgatou “por um grande preço” (I Cor 6, 20); portan-

*Possam todos
os homens que
O esquecem
recordarem-se do
preço que
custamos a nosso
Salvador!*

to, não pertencemos a nós mesmos; nossos próprios corpos “são membros de Cristo” (I Cor 6, 15). [...]

*Sejamos partícipes de sua
felicidade e glória*

Quanta energia e quanta virtude poderão os fiéis haurir na meditação dessas verdades para amoldar seu espírito aos autênticos princípios da vida cristã!

Se todo poder foi dado a Cristo nosso Senhor no Céu e na terra (cf. Mt 28, 18); se os homens, resgatados por seu Preciosíssimo Sangue, se tornam a novo título súditos de seu império; se, enfim, esse poder abarca

toda a natureza humana, é evidentemente forçoso concluir que nenhuma de nossas faculdades pode subtrair-se a essa soberania.

É mister, pois, que Ele reine em nossa inteligência: devemos crer, com inteira submissão, com adesão firme e constante, nas verdades reveladas e nos ensinamentos de Cristo. É preciso que Ele reine em nossa vontade: devemos obedecer às Leis e aos Mandamentos de Deus. É necessário que Ele reine em nossos corações: devemos sacrificar nossas afeições naturais, amar a Deus sobre todas as coisas e só a Ele nos vincularmos. É indispensável que Ele reine em nosso corpo e em nossos membros: eles devem ser instrumentos ou, na linguagem do Apóstolo Paulo, “armas de justiça oferecidas a Deus” (Rm 6, 13) para aumentar a santidade de nossa alma.

Eis aqui pensamentos que, se forem apresentados à reflexão dos fiéis e atentamente meditados por eles, os conduzirão facilmente à mais elevada perfeição.

Queira Deus, veneráveis irmãos, que todos os homens que vivem fora da Igreja procurem e aceitem, para sua salvação, o suave jugo de Cristo! Quanto a todos nós que, por desígnio da divina misericórdia, habitamos em sua casa, conceda-nos o Céu a graça de portar esse jugo, não coagidos, mas santamente, com ardor e amor! Colheremos assim os esplêndidos frutos de uma vida conforme às leis do Reino divino. Reconhecidos por Nosso Senhor Jesus Cristo como servos bons e fiéis de seu Reino terrestre, participaremos depois, com Ele, da felicidade e da glória sempiternas de seu Reino celeste. ✦

Excertos de: PIO XI.
Quas primas, 11/12/1925

¹ SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA. In *Lucam*, c.X: PG 72, 666.



Ressurreição de Nosso Senhor
Pró-Catedral de Santa Maria,
Hamilton (Canadá)

EVANGELHO

Naquele tempo: ²⁷ Aproximaram-se de Jesus alguns saduceus, que negam a ressurreição, ²⁸ e Lhe perguntaram: “Mestre, Moisés deixou-nos escrito: se alguém tiver um irmão casado e este morrer sem filhos, deve casar-se com a viúva a fim de garantir a descendência para o seu irmão. ²⁹ Ora, havia sete irmãos. O primeiro casou e morreu, sem deixar filhos. ³⁰ Também o segundo ³¹ e o terceiro se casaram com a viúva. E assim os sete: todos morreram sem deixar filhos. ³² Por fim, morreu também a mulher. ³³ Na ressurreição, ela será esposa de quem? Todos os sete estiveram casados com ela”. ³⁴ Jesus respondeu aos saduceus: “Nesta vida, os homens e as mulheres casam-se, ³⁵ mas os que forem julgados dignos da ressurreição dos mortos e de participar da vida futura, nem eles se casam nem elas se dão em casamento; ³⁶ e já não poderão morrer, pois serão iguais aos Anjos, serão filhos de Deus, porque ressuscitaram. ³⁷ Que os mortos ressuscitam, Moisés também o indicou na passagem da sarça, quando chama o Senhor de ‘o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’. ³⁸ Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos, pois todos vivem para Ele” (Lc 20, 27-38).

Viver na perspectiva da ressurreição

À maliciosa questão proposta pelos saduceus,
Nosso Senhor contrapõe a verdadeira visão a respeito da
eternidade, ensinando-nos a considerar a vida humana
pelo prisma sobrenatural.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – DEUS NOS REVELA AS REALIDADES SOBRENATURAIS

Imaginemos um conjunto de cegos de nascença vivendo isolados numa ilha, sem qualquer comunicação com pessoas de visão normal. Além de desconhecerem a luz, eles não teriam sequer noção do mundo exterior, como a grandeza do firmamento estrelado, a beleza de um panorama marítimo ou a imponência de uma montanha.

Suponhamos que alguém dotado de vista sabia fosse até essa ilha e passasse a instruir a população a respeito da realidade material, descrevendo a distinção entre a noite e o dia conforme o movimento do sol, o deslocamento silencioso das nuvens pelo céu ou a procedência de um som que se escuta ao longe. Se os cegos acreditassem na palavra deste que enxerga, logo começariam a formar uma ideia do universo muito mais ampla e rica.

Ora, semelhante é a nossa situação perante Deus nesta terra: somos cegos porque não O vemos, mas Ele, desde sua visão perfeitíssima e eterna, serve-Se de diversos meios, dentre os quais as

Sagradas Escrituras, para nos revelar as verdades sobrenaturais.

A Liturgia deste 32º Domingo do Tempo Comum se desenvolve em torno de uma dessas verdades: a ressurreição final.

“Prefiro ser morto pelos homens...”

O Segundo Livro dos Macabeus, proclamado na primeira leitura, narra o martírio de quatro dos setes irmãos presos junto com sua mãe durante a perseguição de Antíoco ao povo judeu. Querendo obrigá-los a apostatar da Religião, o tirano os submete a terríveis torturas, mas os jovens manifestam impressionante força de alma e não cedem. Um deles, antes de expirar, proclama: “Prefiro ser morto pelos homens tendo em vista a esperança dada por Deus, que um dia nos ressuscitará. Para ti, porém, ó rei, não haverá ressurreição para a vida!” (7, 14).

Com efeito, no fim dos tempos ressurgirão tanto os bons quanto os maus, mas para estes o fato de recuperarem os corpos será motivo de maior tormento. Enquanto os Bem-aventurados ressuscitarão sem nenhuma possibilidade de pa-

*Deus
serve-Se de
diversos meios
para nos
revelar as
verdades
sobrenaturais*

Os saduceus permaneciam obstinados em sua incredulidade, não por falta de argumento, mas por serem devassos e relativistas

decer dor ou qualquer incômodo físico, os condenados sofrerão em seus membros e em seus sentidos todos os horrores da “fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mt 13, 50).

Por exemplo, os precitos exalarão um terrível mau cheiro, que lhes causará constantes náuseas; dos que estiverem na glória, pelo contrário, emanarão perfumes extraordinários, com fragrâncias diferentes conforme as características de cada alma.¹

Cristo é o Primogênito entre os mortos

Já na segunda leitura, São Paulo frisa a esperança de alcançarmos no convívio com Deus essa “consolação eterna” (II Tes 2, 16), a qual nos dá ânimo e nos dispõe para as boas obras. E a Aclamação ao Evangelho lembra ser Nosso Senhor o Primogênito entre os mortos, isto é, o primeiro a ressurgir gloriosamente, tornando-Se causa de nossa ressurreição.

Essas considerações nos preparam para melhor acompanhar o Evangelho, no qual São Lucas descreve um episódio ocorrido no início da Semana Santa.

II – OS QUE SE ENTREGAM AO PECADO NÃO CREEM NA RESSURREIÇÃO

À entrada triunfal de Nosso Senhor em Jerusalém, no Domingo de Ramos, sucederam-se dias de crescente hostilidade por parte de seus inimigos. Estes procuravam tirar-Lhe a vida, “mas não sabiam como realizá-lo, porque todo o povo ficava suspenso de admiração quando O ouvia falar” (Lc 19, 48).



Fariseus - Paróquia de São Nicolau de Bari, Buenos Aires

Foi nesse contexto que Jesus, ensinando no Templo, contou a parábola dos vinhateiros, cujo desenlace é o extermínio dos assassinos e a entrega da vinha a outros (cf. Lc 20, 9-16). Conforme observa o Evangelista, os príncipes dos sacerdotes e escribas compreenderam que o Divino Mestre Se referia a eles com essa narração, e só não O prenderam na ocasião por temerem a reação popular.

Mais à frente, tencionando surpreendê-Lo em algum erro que lhes possibilitasse denunciá-Lo à autoridade, espíões enviados pelos fariseus propuseram ao Salvador a ardilosa questão do tributo de César, à qual Ele respondeu com tal astúcia que os contendores, atordoados, “tiveram que se calar” (Lc 20, 26).

Segundo indica São Mateus (cf. Mt 22, 23), nesse mesmo dia se desenrola a cena descrita por São Lucas nos versículos a seguir.

Incredulidade e relativismo, defeitos correlatos

Naquele tempo: ²⁷ Aproximaram-se de Jesus alguns saduceus, que negam a ressurreição...

Os saduceus eram, em sua maioria, membros da alta hierarquia sacerdotal da nação judaica e compunham um influente partido, divergente dos fariseus em pontos fundamentais. Além de serem favoráveis à colaboração pacífica com o governo romano e de não esconderem seu desca-so pelas tradições religiosas, negavam a ressurreição dos mortos e a existência de Anjos e espíritos (cf. At 23, 8).

Tais discordâncias, porém, não constituíam obstáculo para ambas as facções se mancomunarem contra Nosso Senhor. São Mateus o atesta ao registrar a cena em que “os fariseus e os saduceus achegaram-se a Jesus para submetê-Lo à prova” (16, 1), e receberam de seus divinos lábios o epíteto de “raça perversa e adúltera” (16, 4). Semelhante fora a invectiva de São João Batista quando membros de um e outro grupo se dirigiram ao Jordão a fim de serem batizados: “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera vindoura?” (3, 7).

Certamente a problemática da ressurreição já fora tema de nume-



Eugene A

Entrada gloriosa de Jesus em Jerusalém, por Pietro di Giovanni d'Ambrogio
Pinacoteca Stuard, Parma (Itália)

rosas discussões entre eles. Os saduceus, contudo, permaneciam obstinados em sua incredulidade, não por falta de argumentos que demonstrassem a imortalidade da alma humana e a ressurreição como consequência desta, mas por serem devassos e relativistas. Crer neste dogma os obrigaria a mudar de conduta moral e cumprir a Lei de Deus com integridade, e isso eles não queriam.

Da mesma forma procedem todos os que se entregam ao pecado: não creem na ressurreição, ou ao menos procuram abstrair-se dela, pois sua aceitação implicaria em levar uma existência pautada pelos Mandamentos, a fim de estar à direita do Filho do Homem quando Ele “voltar na sua glória” (Mt 25, 31).

É bom que haja heresias

²⁸ ...e Lhe perguntaram: “Mestre, Moisés deixou-nos escrito: se alguém tiver um irmão casado e este morrer sem filhos, deve casar-se com a viúva a fim de garantir a descendência para o seu irmão.
²⁹ Ora, havia sete irmãos. O primeiro casou e morreu, sem deixar filhos. ³⁰ Também o segundo ³¹ e o terceiro se casaram com a viúva. E assim os sete: todos morreram sem deixar filhos. ³² Por fim, morreu também a mulher. ³³ Na ressurreição, ela será esposa de quem? Todos os sete estiveram casados com ela”.

Os saduceus introduzem a pergunta citando a lei do levirato, prescrita por Moisés no Deuterônimo (cf. Dt 25, 5). Tratava-se de um antigo costume, mencionado no Gênesis (cf. Gn 38, 8), segundo o qual recaía sobre o irmão de um falecido o dever de casar-se com a viúva deste, a fim de dar-lhe posteridade, perpetuando o seu nome. Tal prática, embora um tanto desabonada, continuava em vigor na Palestina no tempo de Nosso Senhor; portanto, o problema apresentado era de fácil compreensão para os circunstantes.

Julgando-se geniais, os indagadores apresentaram uma casuística risível: um conjunto de sete irmãos que morrem sucessivamente, após cada um desposar a mesma mulher, sem nenhum deles deixar filhos. No fundo, queriam colocar Jesus em ridículo, como que dizendo: “Quando ela ressuscitar, terá de escolher um dos sete? Veja os problemas que esse dogma da ressurreição traz!”

“*Oportet et hæreses esse*” (I Cor 11, 19), escreve São Paulo. É bom que haja heresias, porque, diante delas, a verdade se explicita. Nosso Senhor é Deus, a Sabedoria Encarnada, e dá a resposta exata, desmontando não só a objeção de seus inimigos, como também lhes descobrindo a intenção. Se quisesse, Ele poderia usar sua onipotência e fazê-los todos voltarem ao nada ou, ao menos, lançá-los ao chão. Foi assim que agiu, poucos dias depois, com os guardas no Horto das Oliveiras, dizendo-lhes apenas: “Sou Eu!” (Jo 18, 6).

*À entrada
triunfal de
Nosso Senhor
em Jerusalém,
no Domingo
de Ramos,
sucederam-se
dias de
crescente
hostilidade
por parte de
seus inimigos*

*É de se notar
que nesses
três versículos
Nosso
Senhor usa a
autoridade de
sua própria
palavra*

Contudo, o Divino Mestre aproveita a ocasião para ensinar, deixando bem claro o que acontecerá conosco após a morte.

São outros os vínculos no Céu

³⁴ Jesus respondeu aos saduceus: “Nesta vida, os homens e as mulheres casam-se, ³⁵ mas os que forem julgados dignos da ressurreição dos mortos e de participar da vida futura, nem eles se casam nem elas se dão em casamento; ³⁶ e já não poderão morrer, pois serão iguais aos Anjos, serão filhos de Deus, porque ressuscitaram”.

Desde o início da História, quis o Criador a multiplicação do gênero humano: “Frutificai, disse Ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (Gn 1, 28). Deus deseja que mais e mais almas se tornem filhas d’Ele para beneficiá-las com suas graças, e o matrimônio foi o meio escolhido para alcançar esse fim.

Entretanto, tal instituição existe apenas na terra. Na vida futura a propagação da espécie

já não terá razão de ser, visto que o número dos eleitos estará completo. Homens e mulheres ressurgirão com uma perspectiva nova. Terá se dado a vitória definitiva de Deus na História e dela participarão os que houverem seguido o caminho da santidade; padecerão no inferno os que houverem rejeitado a graça, preferindo o pecado.

Na eternidade, o relacionamento entre marido e mulher estará desprovido de características terrenas. Dar-se-á de forma semelhante à união entre Maria e José: será todo ele virginal, fundamentado unicamente no amor a Deus. No Céu não há nações, nem instituições próprias ao mundo; somente os vínculos de cunho sobrenatural, como os que unem as famílias religiosas, continuarão na vida futura.

Quem ouve sua palavra não precisa de provas

É de se notar, ainda, que nesses três versículos Nosso Senhor usa a autoridade de sua própria palavra para ensinar, sem mencionar a Escritura.

Ele responde a objeção dos saduceus com afirmações lindíssimas, saídas diretamente de seus

COLEÇÃO

O inédito sobre os Evangelhos

Composta de sete volumes, esta original obra de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, tem o mérito de pôr a teologia ao alcance de todos, por meio de comentários aos Evangelhos dos domingos e solenidades do ano. Publicada

em quatro línguas – português, italiano, espanhol e inglês – com mais de 250 mil exemplares publicados dos diversos volumes, a coleção tem encontrado calorosa aceitação pela sua notável utilidade exegetica e pastoral.

Domingos do Advento, Natal, Quaresma e Páscoa – Solenidades do Senhor no Tempo Comum

Vol. I (Ano A) – 462 págs. – 20€

Vol. III (Ano B) – 464 págs. – 20€

Vol. V (Ano C) – 448 págs. – 20€

Domingos do Tempo Comum

Vol. II (Ano A) – 496 págs. – 20€

Vol. IV (Ano B) – 544 págs. – 20€

Vol. VI (Ano C) – 496 págs. – 20€

Solenidades e festas – Tríduo Pascal

Vol. VII (Anos A, B e C) – 432 págs. – 20€



Coleção completa por 115€

Preços válidos até 31/12/15

A coleção *O inédito sobre os Evangelhos* é uma publicação da Libreria Editrice Vaticana

Pedidos pela internet (oratorio@arautos.pt)
ou pelo telefone 937 940 809

Volumes em formato brochura (157x230mm) com impressão colorida em papel couché

lábios e revestidas de uma força de penetração muito superior à de qualquer passagem do Antigo Testamento, embora também este seja inspirado pelo próprio Deus. Os ouvintes de bom espírito não sentiam necessidade de prova alguma, pois ali estava a Verdade.

Entretanto, Jesus quis acrescentar um argumento equivalente ao dos saduceus, a fim de mostrar-lhes o quanto estavam errados inclusive no uso das palavras de Moisés.

Um argumento que calou os adversários

³⁷ “Que os mortos ressuscitam, Moisés também o indicou na passagem da sarça, quando chama o Senhor de ‘o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’.” ³⁸ Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos, pois todos vivem para Ele”.

Conforme observa São Jerônimo,² há nas Escrituras muitas outras passagens mais claras para demonstrar a ressurreição.

Nosso Senhor poderia citar, por exemplo, o cântico de Isaías: “Que os vossos mortos revivam! Que seus cadáveres ressuscitem! Que despertem e cantem aqueles que jazem sepultos” (26, 19). Ou a profecia de Daniel: “Muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, uns para a vida eterna, outros para a ignomínia, a infâmia eterna” (12, 2).

É de se perguntar, portanto, por que quis o Divino Mestre apresentar este trecho do Êxodo, na aparência tão menos concludente.

Uma das razões é o fato de os saduceus desprezarem todos os Livros Sagrados, à exceção do Pentateuco. Assim, de nada adiantaria mencionar trechos não compreendidos nele para conven-



Moisés e a sarça ardente
Basílica de Paray-le-Monial (França)

Sergio Holmman

cê-los. Mas São Jerônimo afirma que Jesus também teve a intenção de fazer bem aos demais judeus, para os quais aqueles termos empregados por Deus ao comunicar-Se com Moisés no episódio da sarça ardente resultavam misteriosos.

O Evangelista é sintético, mas Nosso Senhor deve ter exposto seu argumento com uma clareza única, quicá dizendo: “Vós, saduceus, vos qualificais de filhos de Abraão, de Isaac e de Jacó. Ora, todos eles já mor-

reram. Então, sois filhos dos mortos? E Deus é Senhor daqueles que não existem mais? Não! As almas de Abraão, Isaac e Jacó são imortais; os três estão vivos e chegará o dia em que seus corpos ressuscitarão!”

A Liturgia deste domingo não recolhe os dois versículos finais desse episódio, nos quais São Lucas descreve a reação dos presentes. Os saduceus de-certo saíram muito humilhados. Apenas alguns escribas reconheceram: “Mestre, falaste bem”. Depois disso, “não se atreviam a fazer-Lhe pergunta alguma” (Lc 20, 39-40).

III – A MELHOR PREPARAÇÃO PARA UMA RESSURREIÇÃO FELIZ

Se Nosso Senhor Jesus Cristo não tivesse ressuscitado, vã seria a nossa fé (cf. I Cor 15, 14), ensina São Paulo. Sim, pois o que nos

Por que quis o Divino Mestre apresentar este trecho do Êxodo, na aparência tão menos concludente?



Gustavo Kraijl

A existência dos Anjos está também dividida em duas fases bem diferenciadas: antes e depois da queda dos demônios ao inferno

anima a nos mantermos na virtude é justamente a certeza de possuímos uma alma imortal e a esperança de que, a exemplo de Cristo, nosso corpo resurgirá do pó no fim do mundo.

Tendo se encerrado no tempo com a morte, nossa vida continuará no plano eterno. E aquilo que os livros, documentos e relatos elaborados pelos homens nesta terra chamam de História ficará reduzido a uma mera “pré-História” quando contemplado a partir da visão de Deus.

Uma ideia que divide a humanidade

Na realidade eterna, tão mais ampla que os estreitos limites abarcados pela razão humana, figuram os Anjos, os quais não morrem nem ressuscitam, mas cuja existência está também dividida em duas fases bem diferenciadas. Assim, poderíamos chamar “pré-história” angélica o período anterior à queda dos demônios no inferno, e história o acontecido após essa grande cisão entre espíritos bons e maus.

Para os homens, o que se passa neste mundo é apenas um preâmbulo daquilo que se desenrolará na eternidade. Na vida futura, por exemplo, jamais faltará aos eleitos matéria para conversar, fatos inéditos para comentar, novas perfeições de Deus para descobrir e louvar. Todos possuirão corpo glorioso e estarão livres, portanto, de limitações como sono ou cansaço. Os dons de sutileza e agilidade resolverão qualquer problema de deslocamento ou de espaço.

É com vistas a esse destino eterno que devemos nos conduzir enquanto peregrinamos neste vale de lágrimas. Isto exige esforço e sacrifício,

pois o cotidiano moderno, com toda espécie de facilidades da técnica, bem como de progressos da medicina – anestésias, remédios supereficazes, órgãos artificiais, transplantes –, pode criar a ilusão de o homem chegar a viver indefinidamente em meio aos prazeres da terra.

Tal ilusão gera uma mentalidade naturalista, olvidada de Deus. Se nos primeiros séculos o paganismo perseguia os fiéis para obrigá-los a sacrificar aos ídolos e renegar a Fé, hoje a civilização neopagã cobra das pessoas uma postura ateia, pela qual se esqueçam do sobrenatural.

Assim, por incrível que pareça, a ideia da ressurreição é ainda o divisor do mundo em nossos dias.

Abandonemos os apegos, caprichos e paixões

Todos compareceremos em certo momento diante de Deus para o juízo, do qual resultará nossa felicidade ou condenação eternas. Não há uma terceira opção, um *post mortem* neutro em que não se sofra e também não se goze de suma felicidade.

Rumamos para a morte como desfecho inevitável da nossa pré-história. O peregrinar pela terra constitui apenas uma breve prova em função da qual nos fixaremos na vida futura. Se aqui nos guiarmos por aquilo que os sentidos corporais nos transmitem, deixando de lado a perspectiva eterna, cairemos no pior dos enganos: julgaremos sermos reais somente as coisas concretas que nos rodeiam, as quais desaparecerão ao fecharmos os olhos para este mundo.

Portanto, é insensatez preocupar-se



Sergio Holmann

Queda dos anjos rebeldes - Museu do Louvre, Paris; na página anterior, Coroação de Nossa Senhora (detalhe), por Fra Angélico - Galleria degli Uffizi, Florença (Itália)

em demasia com a consideração ou o desprezo recebido dos outros, com a riqueza ou a pobreza, a saúde ou a doença. A única coisa que verdadeiramente importa é o amor que Deus tem por nós, a ponto de querer nos fazer participar da plenitude da vida d'Ele. A esperança de vê-Lo face a face deve nos animar até mesmo diante da dor e do sofrimento.

Por muito longa que seja a nossa existência, o que ela representa se comparada à eternidade? Não sejamos loucos, desperdiçando nosso tempo em algo que terminará com a morte e depois nos levará ao inferno! Abandonemos todos os apegos, caprichos e delírios das paixões; evitemos o pecado e, se tivermos a infelicidade de ofender a Deus, procuremos o quanto antes o perdão sacramental. Enfim, preparemo-nos para, no dia de nossa ressurreição, vermos realizadas em nós as palavras do Salmo Responsorial (cf. Sl 16, 15): “Ao despertar, me saciará vossa presença e verei a vossa face!”

Deus pode transformar defeitos em virtudes

Ao apresentar com tanta clareza o problema da ressurreição, a Liturgia deste 32º Domingo do Tempo Comum fortalece nossa esperança e nos enche do desejo de viver na graça de Deus. A boa consciência e a presença do Espírito Santo nas almas infundem energia e disposição de ânimo, e conferem um brilho característico e insuperável à fisionomia.

Quem vive com os olhos postos na eternidade não se deixa perturbar nem mesmo em meio às piores perseguições, pois sabe que tudo é permitido por Deus, e encontra motivo de alegria até nas próprias misérias: “Que bom que eu tenha esta debilidade, porque ela me dá ideia de quanto sou ruim. Mas Deus é Todo-Poderoso. Assim como Ele pode transformar as pedras em filhos de Abraão, pode converter esse defeito em virtude. Ó Deus, quão maravilhoso é vosso modo de agir. Tomai esse horror que há em mim e fazei dele uma obra de santidade!”



Nossa Senhora das Graças
Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Peçamos a Nossa Senhora que nos alcance graças para compreendermos a beleza das alegrias eternas e nunca desviarmos nossa atenção dessa magnífica perspectiva. Que a Virgem Fiel nos conceda considerar a vida presente com a mesma impostação com que Ela “guardava todas as coisas no seu Coração” (Lc 2, 51), convencendo-nos cada vez mais da necessidade de perseverarmos na virtude para que a nossa ressurreição seja a mais feliz possível. ✧

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Suppl., q.82, a.4.

² Cf. SÃO JERÔNIMO. *Commentariorum in Evangelium Matthaei*. L.III, c.22: PL 26, 165.

Quem vive com os olhos postos na eternidade não se deixa perturbar nem mesmo em meio às piores perseguições, pois sabe que tudo é permitido por Deus



Vivamos juntos a fé em Cristo!

“Temos um Amigo em comum: Jesus Cristo. Ele é a luz que está no centro da Igreja, o nosso ponto de referência na História e nos dias de hoje”. Essas breves palavras bem poderiam resumir a curta, mas frutífera, estada do Cardeal Erdő em terras brasileiras.



Pe. Carlos Javier Werner Benjumea, EP

Com o intuito de divulgar o 52º Congresso Eucarístico Internacional a se realizar no próximo ano na Hungria, o Cardeal Péter Erdő, Arcebispo de Esztergom-Budapeste, fez neste último mês de setembro uma breve visita ao Brasil.

Durante a curta estada no país, Sua Eminência desenvolveu um intenso programa de reuniões e rodas de imprensa, durante as quais convidou todos os brasileiros a participarem do grande evento, seja presencialmente, seja por meio da oração, e assim crescerem em união com Jesus Sacramentado.

Reuniões com o clero de São Paulo e Rio

A viagem começou no Rio de Janeiro, onde, a convite do Cardeal Orani João Tempesta, OCist, o Cardeal Erdő proferiu uma conferência

para o clero da arquidiocese no dia 25 de setembro. Com apoio de farto material audiovisual, discorreu a respeito dos preparativos do congresso, que ocorrerá entre os dias 13 e 20 de setembro do próximo ano. O Cardeal visitou também o Mosteiro de São Bento e presidiu a recitação das Vésperas no seminário arquidiocesano.

Na sexta-feira seguinte, estando já em São Paulo, divulgou o Congresso Eucarístico Internacional na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica para um conjunto de clérigos, religiosos e leigos. A apresentação de Dom Erdő para os presentes foi feita pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer. Além de anunciar o congresso e tratar sobre o documento base elaborado para o evento, discorreu sobre a riqueza e a cultura da sua nação, cuja história recente está

marcada por mais de trinta anos de regime comunista.

Missa e jantar na casa generalícia

Dom Erdő aproveitou também sua vinda ao Brasil para fazer uma visita a diversas casas dos Arautos do Evangelho. No dia 26 de setembro, voltando do Rio de Janeiro, deteve-se em Ubatuba para pernoitar e celebrar Missa na Casa Lumen Maris, em cuja capela, dedicada a Nossa Senhora do Pilar, são celebradas semanalmente quatro Missas muito concorridas tanto por moradores da região quanto por turistas, sempre numerosos.

No fim da tarde desse mesmo dia, Sua Eminência chegou ao seminário menor dos Arautos localizado em Caieiras (SP), onde ficaria hospedado durante sua estada em São Paulo. Membros do setor mascu-

lino e feminino da instituição que ali se encontravam para participar da Missa vespertina na Basílica de Nossa Senhora do Rosário o receberam com um caloroso aplauso.

No dia seguinte, após a mencionada reunião na PUC, dirigiu-se à Casa Monte Carmelo¹ para presidir uma solene Eucaristia na qual foram concelebrantes os Revmos. Pe. Bruno Esposito, OP, Pe. Alex Barbosa de Brito, EP, e Pe. Ramón Ángel Pereira Veiga, EP, sacerdotes que o acompanharam durante sua permanência no país. Centenas de membros do setor feminino dos Arautos participaram da celebração.

Dom Erdő iniciou a Santa Missa agradecendo a presença de todas e manifestando seu contentamento pela acolhida que lhe estava sendo dada pelos membros da instituição: “Tenho me sentido como se estivesse na minha própria casa”, afirmou. Já em sua homilia mostrou como na

História da Igreja os períodos de perseguição e destruição são sucedidos de ressurreições e reconstruções.

Em seguida, percorreu os diversos ambientes do espaçoso prédio, rezou alguns instantes diante do Santíssimo Sacramento exposto na capela da Adoração Perpétua e conheceu as instalações do Colégio Arautos do Evangelho Internacional, anexo à residência das religiosas.

A visita foi concluída com um distendido jantar, ao fim do qual o Coral Maria Menina, composto por estudantes e jovens integrantes do setor feminino, interpretou diversas músicas em homenagem a Sua Eminência. Um violino e duas flautas transversais tocados por juveníssimas instrumentistas acompanharam as vozes das cantoras.

Palestra para centenas de arautos

No sábado pela manhã, dia 28 de setembro, mais de mil membros dos

Arautos do Evangelho lotaram o auditório do seminário menor para assistir à palestra do Cardeal sobre o Congresso Eucarístico Internacional de Budapeste. Diante de um numeroso público composto por integrantes dos setores masculino e feminino, bem como por cooperadores da instituição, ele pôde explicar as razões teológicas do evento, informar sobre seus preparativos e programação e tratar sobre o lema: “Todas as minhas fontes se acham em ti” (Sl 86, 7).

No final da exposição, discorreu a respeito do saudoso Cardeal József Mindszenty, de venerada memória, exemplo de inquebrantável fé e edificante existência durante o negro período em que a Igreja na Hungria esteve sob o jugo do regime comunista.

O Cardeal Erdő respondeu a seguir as mais diversas perguntas do auditório, uma das quais lhe pedia



Apresentando o Congresso Eucarístico – Palestras no Auditório São João Paulo II, da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro (foto 1), na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (foto 2), e no auditório do seminário dos Arautos, em Caieiras (foto 3) serviram para apresentar os trabalhos de preparação do Congresso e convidar todos nele participarem.



Fotos: Maria Luiza B. de Albuquerque

Sociedade Regina Virginum – No dia 27 de setembro o Cardeal foi recebido calorosamente pelas irmãs na casa generalícia da Sociedade de Vida Apostólica Regina Virginum (foto 1). Ali celebrou uma solene Eucaristia (fotos 2 e 3), rezou na Capela de Adoração ao Santíssimo Sacramento (foto 4), percorreu os diversos ambientes da casa e do colégio anexo (fotos 5 e 6) e conversou longamente com as irmãs (foto 7). No fim foi-lhe oferecido um jantar (foto 8).

para narrar como foi seu chamado ao sacerdócio. Como este surgiu em meio ao referido período de perseguição, o heroico caminho por ele percorrido na clandestinidade até a ordenação sacerdotal foi para os assistentes um comovente e vivo testemunho de fidelidade à Igreja, como também um poderoso estímulo a servirem íntegra e corajosamente a Nosso Senhor.

A palestra terminou com um caloroso convite aos presentes: “Vinde à Hungria e estaremos todos juntos para viver esta Fé”.

Após a conferência, o Cardeal partiu para São Paulo, onde visitou

a Catedral da Sé e, a seguir, se dirigiu para uma das casas que a Comunidade Católica Shalom possui na cidade. Ali foi recebido pelo fundador, Moysés Louro de Azevedo Filho, celebrou a Santa Missa e fez uma reunião para os membros desse movimento.

Missa solene na basílica

No dia seguinte, o Cardeal Péter Erdő presidiu a Missa dominical na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, que foi concelebrada pelo Pe. Bruno Esposito, OP, e três sacerdotes arautos. O espaçoso templo se encontrava lotado de membros da

instituição e fiéis da Paróquia Nossa Senhora das Graças que desejavam conhecer de perto essa exponencial figura da Igreja Universal.

Ao final da celebração o Pe. Alex Barbosa de Brito, EP, em nome de Mons. João e de todos os membros dos Arautos do Evangelho, manifestou o contentamento proporcionado pelo convívio ao longo desses dias, dirigindo ao Cardeal algumas palavras de agradecimento pela visita feita em um momento tão especial da história dos Arautos do Evangelho, pelo seu testemunho pessoal como membro de uma Igreja de mártires e de heróis e pelo



Fotos: David Domingues / João Paulo Rodrigues / Stephen Nami

Três dias de convívio intenso – Na noite do dia 26, tendo pernoidado e celebrado Missa na Casa Lumen Maris (foto 1), o Cardeal chegou ao seminário dos Arautos (foto 2). No domingo, presidiu a Missa de 11h na Basílica de Nossa Senhora do Rosário (fotos 3 a 5). Antes de se despedir dos Arautos, Sua Eminência quis assistir o alardo de início das aulas do Colégio dos Arautos do Evangelho Internacional (foto 6).

esmero com que está sendo organizado o próximo Congresso Eucarístico Internacional.

Antes ainda da bênção final, Sua Eminência dirigiu-se aos presentes dizendo: “Muitíssimo obrigado por esta amabilíssima acolhida, que me tocou tanto! Estava me perguntando o porquê de tanta alegria, tanta manifestação de amizade e de consideração à minha pessoa. Refletindo um pouco descobri que o motivo, afinal de contas, é um só: temos um Amigo em comum... E este Amigo comum é Jesus Cristo. Ele está no centro da Igreja, Ele é o nosso ponto de referência ao longo de toda a

História e também nos dias de hoje. Agradecemos a Ele por termos podido celebrar hoje mais uma vez, e de forma tão solene, sua Sagrada Eucaristia”.

Final da estada

No último dia de sua estadia no seminário menor, o Cardeal Erdő quis assistir ao alardo de início das aulas do Colégio Arautos do Evangelho Internacional. Posicionou-se então em frente à basílica, onde acompanhou atentamente todo o cerimonial ali realizado. Na despedida, convidaram-no para tirar uma foto com os professores e estudantes, a fim de

registrar esses dias de especial convívio com Sua Eminência.

Apesar do curto período da visita, a presença do Cardeal Erdő nas casas dos Arautos foi motivo de grande alegria não só para os membros da instituição, mas também para Sua Eminência, que afirmou notar a benquerença em toda a acolhida, concluindo ser ela, como disse em suas palavras finais, fruto do primordial ponto que nos unia. ✦

¹ Casa generalícia da Sociedade de Vida Apostólica Regina Virginum, situada em Caieiras (SP).

Ser pobres diante de Deus

Foi a riqueza, enquanto tal, que mereceu ao rico da parábola a punição na eternidade? E foi só a pobreza, em si, que alcançou a recompensa para Lázaro? Não é isso o que nos ensina o Evangelho de hoje.

Cardeal Péter Erdő



Stephen Nami

O Papa Francisco fala com frequência da pobreza, do amor aos pobres, e o Evangelho do rico e do pobre Lázaro, hoje proclamado, trata exatamente deste assunto.

Não por acaso, muitos dos que consideram o Cristianismo apenas como um fenômeno social optam por referir-se a essa passagem. Afirmam que nela os ricos são ameaçados com os sofrimentos do inferno, enquanto é prometida aos pobres uma merecida recompensa na vida futura. Todavia, se deitarmos maior atenção nas palavras de Jesus, perceberemos não ser esta a imagem que Ele nos apresenta, nem a mensagem que pretende nos transmitir.

Vemos aqui, sem dúvida, um homem de grande fortuna vivendo em situação de bem-estar que, depois de sua morte, se encontra nos tormentos do inferno, e um miserável mendigo entrando na glória do seio de Abraão. Porém, foi a riqueza, enquanto tal, que mereceu ao rico a punição na eternidade? E foi a pobreza, em si, que alcançou a recompensa para Lázaro?

Não é este o ensinamento do Evangelho de hoje.

A riqueza em si não é culposa

No limiar da casa nos deparamos com o pobre Lázaro, faminto e doente, enquanto o rico – que não tem nome, é um anônimo – está constantemente se banquetecendo. Afirma-se, assim, não só ter ele muitas posses, mas, sobretudo, não demonstrar piedade alguma para com o sofredor. Pelo contrário, fecha-se em si e vive de forma egoísta em sua riqueza.

No grande ensinamento de Jesus a respeito do Juízo Universal, ao fazer referência específica ao destino eterno dos que estão à sua direita, Ele pronuncia estas palavras: “Tive fome e Me destes de comer, tive sede e Me destes de beber” (Mt 25, 35). Neste trecho do Evangelho, entretanto, afirma-se algo ainda mais importante.

Quando o condenado pede para o bem-aventurado visitar seus parentes abastados, ele espera que a presença de alguém ressuscitado dos mortos os convença a viver de forma diferen-

te. Há algo neles que pode e deve ser transformado: de um lado, o fechamento em relação aos desafortunados; de outro, o desconsiderar a Deus.

Os parentes do rico não acreditam em Moisés ou nos profetas, e nem os ouvem. Basta-lhes levar uma vida cômoda, preocupando-se apenas com o meramente material. Em outros termos, têm por objetivo um bem-estar passageiro. Não se importam se, além disso, há algo a mais na vida. Como acontece com muitos hoje, não conseguiram compreender a diferença entre este “bem-estar” e o “verdadeiro bem”, e esse fechamento os levará ao sofrimento eterno.

Jean-Paul Sartre escreve que o inferno são os outros. No Evangelho de hoje descobrimos que o verdadeiro inferno é não amar! Portanto, a riqueza em si não é culposa.

Convite a refletir no Juízo Final

Lázaro, o mendigo de quem Jesus fala – este sim, tem nome –, estava aberto para Deus. Sabia que, diante d’Ele, não era pobre apenas do ponto

de vista material, mas também do espiritual. Reconhecia-se pecador e, como tal, acreditava na misericórdia como dom. E como podia o Senhor deixar de atendê-lo?

O Evangelho de hoje nos interpela e traz um profundo ensinamento, lembrando aquilo que tantas vezes esquecemos: a doutrina sobre o Juízo, ao qual todos nós também estaremos sujeitos. A história aqui narrada pelo próprio Jesus, quando ainda vivia nesta terra, nos convida a refletir.

Cristo, em quem acreditamos e a quem somos chamados a testemunhar, abriu, com sua Morte e Ressurreição, o caminho da salvação para todos nós. Aqueles que já alcançaram a felicidade eterna – no Evangelho chamada de seio de Abraão – vivem numa condição que transcende o tempo e está acima de todo o universo criado.

A passagem da Escritura que acaba de ser proclamada ilumina com grande profundidade o mistério de como a perfeição e a eternidade da vida divina penetram nos acontecimentos futuros e atuam nas lutas de nossa vida terrena. Incita-nos também a crer em Jesus Cristo enquanto Aquele que ressurgiu da morte e de quem depende nosso destino eterno. E isso, por sua vez, nos leva a abrir-nos para os outros e a interiorizar nos-

sa pobreza humana diante de Deus, ainda que vivamos em condições de bem-estar material.

Sintamo-nos pobres diante d'Ele

Nossa verdadeira pobreza, enquanto homens e membros da Igreja, faz com que levemos para os outros, não o nosso próprio modo de entender a vida, nossas ideias brilhantes, nossos projetos humanos, mas sim o ensinamento de Jesus Cristo, sua Boa-Nova e sua presença eficaz. Só assim não terminaremos sendo como o rico deste Evangelho: anônimos de quem ninguém se lembra, porque viveram para si mesmos e não para Deus e para o próximo.

Invoquemos Aquele de quem dependemos, pedindo-Lhe que possamos nos sentir sempre pobres diante d'Ele. Acreditemos em quem ressus-

Os parentes do rico não acreditam em Moisés ou nos profetas, e nem os ouvem; basta-lhes levar uma vida cômoda

citou dos mortos, conforme ensinam as Escrituras. Ele venceu o pecado e a morte, e nos abriu o caminho da felicidade eterna, não ligada, portanto, ao prazer de um momento.

Tudo isso nos leva a entender a importância de ouvir a Palavra de Deus e nela acreditar, conforme nos recorda São João Crisóstomo: “Ainda que todo o mundo esteja conturbado, tenho nas mãos a Sagrada Escritura. Vendo o que nela se afirma, encontro minha segurança e defesa. E que leio ali? ‘Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo’ (Mt 28, 20). [...] Repito sempre: ‘seja feita a vossa vontade’ (Mt 6, 10). Farei sempre o que Vós quiserdes, não o que estes ou aqueles desejem. Eis o meu baluarte, minha rocha inamovível, o meu báculo seguro”¹.

Peçamos hoje, por intercessão de Nossa Senhora do Rosário, particularmente invocada nesta basílica menor, que o Senhor nos conceda este dom e que sempre o guardemos como um tesouro precioso. Amém! ✧

Homilia na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, 29/9/2019 –

Transcrita da gravação, com pequenas adaptações

¹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *Homilia antes de partir para o exílio*, n.2: PG 52, 430.



Cardeal Peter Erdő proferindo sua homilia na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Juventude e devoção eucarística

Em distendida conversa após a Missa na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, o Cardeal Péter Erdő nos desvenda algumas claves dos preparativos para o próximo Congresso Eucarístico Internacional e o papel da juventude na Igreja da Hungria.

Pe. Ramón Ángel Pereira Veiga, EP

Como vive a Arquidiocese de Esztergom-Budapest a preparação para o 52º Congresso Eucarístico Internacional?

Quando Sua Santidade o Papa Francisco nos encomendou a organização deste congresso, ficamos muito surpresos e agradecidos. Em 1938 tivemos em Budapeste um Congresso Eucarístico Internacional que deixou profundas recordações e abundantes frutos pastorais. Confiamos em que agora acontecerá o mesmo.

Nos preparativos do congresso há muitos jovens. Existe alguma iniciativa especial para acolhê-los e lhes encorajar a participação?

Temos uma escola de Adoração que envia missionários por todo o país para organizar reuniões, naturalmente em comunhão com os Bispos locais. Há também a cruz missionária, contendo relíquias dos Santos e Beatos húngaros, sobretudo mártires do século XX. Sua chegada a uma cidade faz com que os jovens se reúnam.

Além disso, temos organizado regularmente concertos em grandes instalações esportivas, nos quais se inclui um momento de Adoração Eucarística. Do último participaram por volta de cinco mil pessoas. E estamos coordenando, inclusive, através da internet, um tipo de Adoração Perpétua com quarenta mil jovens de diversos países, que se comprometeram a rezar durante uma hora diante do Santíssimo em dias determinados.

O próximo encontro para a juventude será em novembro e os Arautos já estão convidados. Vejo que vocês são uma comunidade bastante jovem, o que é muito importante, e que têm o costume de rezar diante de Jesus Eucarístico. Eu mesmo presenciei a Adoração Perpétua na casa generalícia das irmãs e também nesta basílica.

Estamos assistindo a uma mudança de mentalidade, sobretudo na juventude, no sentido de ter especial devoção ao Santíssimo Sacramento.

Quais iniciativas Vossa Eminência aconselharia para aproximar os jovens de Jesus Eucarístico?

A preparação começa, sem dúvida, já no ensino fundamental, quando os meninos e as meninas se preparam para a Primeira Comunhão.

Nas escolas públicas, muitos dos alunos inscritos na aula de Religião nem sequer são batizados, ou não fizeram ainda a Primeira Comunhão. Em colaboração com as paróquias, eles estão sendo preparados para recebê-la durante a Missa de abertura do congresso. O número de inscritos já passa de três mil, mas esperamos que haja muito mais.

Vamos ajudar as famílias das áreas rurais a levar as crianças a Budapeste. Estamos também preparando blusas brancas para todos os comungantes, confeccionadas com grande alegria por portadores de alguma deficiência. Naturalmente, eles serão também convidados à Missa de abertura, para que possam ver o resultado de seu trabalho.

Quanto às escolas católicas, há quase setecentas no país e elas já estão colaborando na preparação do congresso. Fornecem, por exemplo, jovens voluntários que agora auxiliam na organização e ajudarão como intérpretes do inglês e

outras línguas durante o evento.

Como se sentem os jovens quando veneram a cruz da missão?

Esta cruz foi abençoada pelo Papa Francisco no fim de 2017, de forma muito cordial. Lembro-me que ele a olhou com grande ternura e simpatia, porque o exemplo dos Santos cujas relíquias contém está muito próximo de nós, da nossa época. Há entre eles sacerdotes mártires cujos familiares estão ainda vivos.

A história húngara é rica em ações e atos de heroísmo. De que modo esse passado influencia a atual Hungria?

A influência do passado é algo que transpõe até a distância entre os continentes. Ouço, por exemplo, tocar nesta basílica os sinos ao meio-dia. Esse costume remonta ao Papa Calisto III, que ordenou orar nesse horário, primeiramente, pelos que defendiam o mundo cristão e, depois, para dar graças pela vitória. Hoje esse hábito se mantém como um convite para todos os fiéis rezarem pela paz e agradecerem ao Senhor pelo fato de existirmos.

Nós vemos a nossa história como uma série de milagres da Providência, porque se a analisarmos segundo critérios humanos, a Hungria hoje não deveria existir. No entanto esperamos que, com a graça de Deus, nosso país não somente permaneça, mas seja portador de valores para o mundo atual.

Pode-se dizer que a juventude húngara é particularmente mariana?

Não se pode dizer isso de forma geral, embora existam grupos e movi-



Um momento da entrevista, realizada na sacristia da Basílica de Nossa Senhora do Rosário

Vejo que vocês são uma comunidade bastante jovem e que tem costume de rezar diante de Jesus Eucarístico

mentos marianos. É claro que nas escolas católicas tem-se devoção a Nossa Senhora e se distribui o Rosário entre as crianças para que aprendam a rezá-lo. Há também santuários marianos muito frequentados, inclusive alguns situados fora da Hungria, como o de Şumuleu Ciuc, na Romênia, ou o de Mariazell, na Áustria. As peregrinações de jovens a esses locais tornam-se cada vez mais populares.

Qual é a importância da figura do venerável József Mindszenty nos nossos dias?

Sobre o Cardeal Mindszenty está surgindo toda uma biblioteca de publicações, pois sua pessoa interessa ao povo, aos historiadores e até aos produtores de filmes. Ele é uma figura quase misteriosa na sua fide-

lidade, palavra que poderia definir toda a sua vida.

A fidelidade era também um dos principais valores para os católicos durante o regime comunista. Certamente se sentia naquele momento, como sempre ocorre na História da Igreja, uma necessidade de reforma, mas ela vinha estreitamente unida a um sentimento de fidelidade a Jesus Cristo, à Igreja e ao Sucessor de São

Pedro. Em alguns países, os católicos do rito oriental sofreram muito por causa dessa fidelidade.

Vossa Eminência teria alguma mensagem para os leitores desta Revista?

Gostaria de convidá-los a rezar pelo Congresso Eucarístico e a que venham participar dele, pois se estamos unidos na Fé é importante tomarmos consciência desse fato e manifestarmos a nossa alegria por ele.

Além do mais, o Evangelho de Lázaro e do rico que hoje foi proclamado nos convida a termos os ouvidos e corações abertos ao que diz o Senhor através da Sagrada Escritura, à inspiração do Espírito Santo e também ao que fala o mundo que nos circunda. Devemos escutar o grito dos pobres e necessitados, e abrir-lhes nossos corações tanto no plano da oração e da comunhão na Fé, como no da ajuda concreta.

Este testemunho é uma linguagem que todos entendem. Disso nos dá exemplo a Santa mais famosa do século XX, Santa Teresa de Calcutá, de cujos funerais não posso me esquecer. Deles participaram um milhão de pessoas, muitas delas não cristãs, porque sua mensagem era entendida também por eles. ✧

O verdadeiro significado das palavras

Para nos defender da balbúrdia de ideias e conteúdos que parece caracterizar os nossos dias, é necessário nos compenetrarmos da importância de usar as palavras em seu sentido próprio, respeitando o significado que possuem.



Pe. Bruno Esposito, OP

Já no século IV a.C., contrapondo-se aos sofistas, Platão discoria no seu diálogo *Teeteto* acerca da relação entre o verdadeiro e o falso e, em consequência, sobre a necessidade de o homem reconhecer a relação entre uma palavra e a realidade que ela designa.

Meditando também sobre a confusão das línguas em Babel (cf. Gn 11, 1-9), fiquei convencido da necessidade de analisar a balbúrdia de ideias e conteúdos que parece caracterizar os nossos dias, e julguei oportuno, para isso, propor alguns exemplos que sirvam como ponto de partida para considerações a este respeito.

Meu objetivo é fazer com que nos compenetremos da importância de usar as palavras em seu sentido próprio, respeitando o significado que possuem e, por conseguinte, a verdade das coisas.

Uma liberdade mal concebida

Em sua obra *What's Wrong with the World*,¹ escreveu argutamente Chesterton: “Nisto consiste a gigantesca heresia moderna: em modificar a alma humana para adaptá-la às circunstâncias, em vez de modificar as circunstâncias para adaptá-las à alma humana”.² E isso é feito em nome de uma mal concebida liberdade que, de

peregrinos nesta terra que conhecem o caminho e o destino, nos converte em seres errantes.

Confunde-se, de fato, liberdade com garantia de poder fazer sempre o que se deseja e tem-se, ademais, a pretensão de que isto seja reconhecido como autêntico direito. Ignora-se que nem sempre o possível é benéfico para o homem, e que quem age deste modo acaba por tornar-se um pobre escravo (cf. I Cor 10, 23; II Pd 2, 19).

Inebriamo-nos com uma liberdade restringida ao conceito de livre-arbítrio até perdermos a consciência de quem somos! Quando o homem rejeita sua condição de criatura submete-se à confusão, à incomunicabilidade, a viver num perene conflito consigo mesmo e com seus semelhantes. Se não aceitarmos que nossa natureza nos foi dada por Deus, e tudo o que isso objetivamente significa, condenamo-nos a ser nada mais que pobres vagabundos.

A verdade se impõe por si mesma

Convido, pois, o caro leitor, a refletir por si mesmo, começando por confrontar-se com a realidade e procurando a verdade a partir dela. Evitará, assim, ficar preso num gênero de subjetivismo cego que alimenta egocentrismos estéreis e conduz inexoravelmente a uma solidão letal.

São Tomás adverte: “A verdade é forte em si mesma e não pode ser vencida por nenhuma objeção”.³ Portanto, ela nunca deve ser imposta, pelo simples motivo de que se impõe *per se*! Infelizmente, porém, com muita frequência o homem hodierno se defende da verdade, sem perceber que é a verdade que o defende; em lugar de procurar conhecê-la, prefere apoiar as convicções ou interesses do seu próprio grupo, quando não do seu próprio bando.

Bem e mal são realidades objetivas

Analisemos, por exemplo, os termos *bem* e *mal*. Na vida cotidiana eles são claros para todos, mas só na aparência. Dentro do atual clima de subjetivismo ético e consequente relativismo, muitos estão profundamente convencidos de que não existem o bem e o mal objetivos, mas sim aquilo que a pessoa *sente* como sendo bom ou mau.

Usa-se a palavra *sentir* numa acepção genérica, acompanhada frequentemente por uma noção de *consciência* ainda mais confusa e distorcida, segundo a qual caberia ao homem decidir, em último termo, o que é bom e o que é mau. Aliás, se lermos o Livro do Gênesis, veremos que nada há de novo debaixo do sol, pois a tentação de nossos primeiros



Thiago Tamura Nogueira

Pe. Bruno Esposito depois de ter presidido uma Concelebração Eucarística no seminário menor dos Arautos, 1/10/2019

país foi justamente a de quererem ser iguais a Deus (cf. Gn 3, 1-6)!

Contudo, para além de qualquer tentação, importa reconhecer que bem e mal são, antes de tudo, realidades objetivas. Para confirmá-lo de forma imediata basta observar, mesmo por alto, nossa vida física e moral: a saúde é um bem, a doença é um mal; dar a vida é um bem, tirá-la é um mal...

Não pretendo, porém, deter-me neste aspecto, mas sim noutra que, salvo melhor juízo, mostra de modo eloquente o quanto aquilo que é ruim quase predomina sobre nosso modo de pensar e de agir cotidiano. Refiro-me ao fato de que, em geral, o negativo nos impressiona mais que o positivo.

A fisiologia precede as patologias

Com frequência, esquecemo-nos de algo indiscutível: que o mal, tanto físico quanto moral, é sempre uma privação, uma carência. *Bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu*: o bem exige a totalidade dos requisitos, a falta de um deles compromete o conjunto.

Infelizmente, muitas vezes nos sentimos inclinados a começar por recolher, evidenciar e realçar as carências – o mal –, negligenciando aquele aspecto positivo – o bem – à luz do qual

“A verdade é forte em si mesma e não pode ser vencida por nenhuma objeção”. Portanto, ela nunca deve ser imposta

faz sentido falar de um mal. Deixamos tomar pelas “patologias” e acabamos por esquecer que elas são precedidas pela “fisiologia”.

Daí surge a importância de *educar-se* a olhar para o bem em primeiro lugar, a saber privilegiar e valorizar o que é positivo. *Think positive*, gostam de repetir os norte-americanos. Considerar o mundo exterior sob essa perspectiva mudará inevitavelmente nossa mentalidade, nossa forma de entender a vida e nossa própria vida, assim como a daqueles com os quais entremos em contato.

Triunfar do mal com o bem

A Palavra de Deus convida sem cessar, e quase desafia, a recupe-

rar a beleza de uma existência que é dom divino e não autocriação do homem. Ela só pode ser plenamente vivida tendo a fé de que o Filho de Deus “me amou e Se entregou por mim” (Gal 2, 20), empenhando-se em fazer triunfar “do mal com o bem” (Rm 12, 21) e enchendo nossas mentes e corações com aquilo que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, de boa fama (cf. Fl 4, 8).

Uma última observação, por certo não de pouca monta: fazer o bem ou o mal é coisa importante e tem suas consequências perante Deus: “O Filho do Homem enviará seus Anjos, que retirarão de seu Reino todos os escândalos e todos os que fazem o mal e os lançarão na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes. Então, no Reino de seu Pai, os justos resplandecerão como o sol. Aquele que tem ouvidos, ouça” (Mt 13, 41-43). ✧

¹ Do inglês: “O que há de errado com o mundo”.

² CHESTERTON, Gilbert Keith. *What's Wrong with the World*. 8.ed. London: Cassell, 1910, p.109.

³ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. L.IV, c.10, n.15.

Grandeza régia de Nosso Senhor Jesus Cristo

Até o fim dos séculos, Nosso Senhor será odiado com o maior ódio da História. E a sua vitória contra esse ódio, personificado no Anticristo, manifestará mais uma vez a sua incomparável grandeza: Ele o liquidará com um sopro de sua boca...



Plínio Corrêa de Oliveira

Todas as coisas acontecem dentro da providência geral com que Deus rege o universo ou, em certos casos, segundo uma providência especial. Mas o que diz respeito a Nosso Senhor Jesus Cristo é regulado por uma providência especialíssima, em função da qual merece toda atenção e análise o fato de Ele ser membro da casa real de Davi.

“Jesus Nazareno, Rei dos judeus”

Para demonstrar o alcance dessa circunstância, se necessário fosse, bastaria alegar o seguinte motivo: a Providência quis que no letreiro que encimava a Santa Cruz estivesse escrito “Jesus Nazareno, Rei dos judeus”, e isso molestou os sumos sacerdotes ao ponto de eles pedirem a Pilatos que retirasse essa inscrição.

Ele, entretanto, respondeu: “O que eu escrevi, escrevi” (Jo 19, 22). Era o senso dominador dos romanos sendo inteiramente aplicado ao caso concreto: “Está escrito. Não o tiro mais. E se vocês não gostarem, engulam com farinha”.

Sempre interpretei essa resposta de Pilatos – tão bonacheirão, tão moleirão, tão indecente no que diz res-

peito ao seu dever de proclamar a inocência de Nosso Senhor – como um sinal do seu agastamento. Tinham-no obrigado, sob ameaça de denunciá-lo como inimigo de César, a lavar uma sentença injusta e, quando vieram pedir-lhe para retirar esse letreiro, res-

*Em Cristo deveria
refulgir uma
majestade temporal
dotada com todas
as formas de
grandeza próprias
aos reis da terra*

pondeu-lhes irritado: “Não, o que eu fiz, fiz, está acabado! Pelo menos agora me deixem ser homem”.

Seja como for, o INRI ficou para sempre eternizado na Cruz imortal, proclamando: Nosso Senhor Jesus Cristo é o Rei dos judeus.

A Transfiguração no Tabor

Em Cristo deveria refulgir uma majestade temporal dotada de todas

as formas de grandeza próprias aos reis da terra. Contudo, como ver no Salvador essas qualidades, se Ele não andou pela terra como Rei?

Mesmo no Domingo de Ramos, ao ser objeto de tão grande homenagem do povo de Jerusalém, foi aclamado como Filho de Davi. Contudo, não O proclamaram Rei de Israel, nem houve nenhuma tentativa para tirar Herodes do cargo. Nosso Senhor era visto como um Homem santo e eminente, que possuía, entre outras glórias, a de descender de Davi, sem que isso levasse a querer restaurar nele a monarquia.

Como ver, então, em Nosso Senhor a majestade e os atributos de um Rei? Em algum momento devem ter transparecido, pois Ele veio para Se manifestar por inteiro a todos os homens.

Essa grandeza real reluziu, com efeito, em mais de um episódio da vida d’Ele, mas brilhou de um modo todo especial, intencional, na Transfiguração no Monte Tabor. Ali Ele apareceu em toda sua majestade como Rei e, sobretudo, como Deus. E o fez de modo tão esplendoroso que os Apóstolos por Ele convocados para o alto do monte não queriam ir embora: São Pedro propôs que ficassem ali em

cima, arranjassem tendas e não saíssem mais (cf. Mt 17, 4).

Não se conhece na História um só caso de rei que tenha sido objeto desta aclamação: “Vamos permanecer aqui, junto de vós. Não precisamos de mais nada no mundo. Basta-nos ficar olhando para vós!”

O que costuma acontecer é justamente o contrário. Os súditos julgam o rei muito admirável, mas gostariam de dizer-lhe: “Senhor, dai-me cargo, dinheiro, honra... Desejo vos servir, mas quero que também vós me sirvais. Nada de ficar aqui parado só para vos olhar. Quero ser fiel, sede fiel vós também. Aliás, antes mesmo de vos ter prestado serviço, já tenho a lista dos benefícios que quero de vós. E quando os receber, mostrá-los-ei ao povo, nas ruas da capital, para que eu também seja apreciado e admirado. Isso de viver só para vos admirar não basta...”

Assim sucede com as monarquias terrenas; não, porém, com Nosso Senhor. Quando Ele quis manifestar sua majestade, a reação foi: “Fiquemos aqui, não precisamos de mais nada fora de Vós!”

Coração de infinita majestade

Além dessa esplendorosa manifestação de realeza no Tabor, houve também a do Domingo de Ramos, à qual aludi há pouco.

Embora não tenha sido saudado nesse episódio como Rei, é evidente que o povo aclamava n’Ele a majestade pessoal que a Ladainha do Sagrado Coração de Jesus exprime com esta invocação magnífica: *Cor Iesu, maiestatis infinita, miserere nobis.*¹

O que significa aqui a palavra *coração*? Ela nos leva a prestar culto ao Coração de carne d’Ele enquanto símbolo de sua alma, espírito, mentalidade, desejos e propósitos, os quais eram de uma majestade infinita. Tudo quanto Nosso Senhor Jesus Cristo queria era de uma grandeza ilimitada; o que Ele inteligia possuía um descortínio sem fim; nos desígnios d’Ele, a

bondade era de uma majestade infinita, como o era também a justiça.

Nosso Senhor, porém, deixou claro que a manifestação dessa justiça estava reservada para o momento de sua Morte e para o dia em que Ele vier, com a majestade de Deus e de Rei, julgar no fim dos tempos os vivos e os mortos.

Majestade na Morte...

Jesus Cristo morreu sob o desprezo geral, compensado pela adoração indizivelmente preciosa de Nossa Senhora e, num grau respeitável, mas enormemente menor – porque tudo quanto existe, exceto Nosso Senhor, é incomparavelmente menor do que Maria Santíssima – pela adoração de São João, das Santas Mulheres e do bom ladrão.

No momento em que o Filho de Deus entregou seu espírito, iniciou-se aquilo que o grande Bossuet – Bispo de Meaux e pregador sacro dos mais eminentes – chama de “os funerais do Filho de Deus”.

Que rei teve ou terá semelhantes exéquias? A terra treme, obscurece-se o sol, o véu do Templo se rasga. As sepulturas dos justos do Antigo Testamento se abrem e eles saem pelas ruas (cf. Mt 27, 52), exprobrando a todos os homens maus, com uma majestade suprema, os pecados que tinham cometido. De modo especial o deicídio, pois era o pecado da nação inteira, consumado quando o povo disse diante de Pilatos: “Que o Sangue d’Ele caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27, 25).



Juan Carlos Villegomez

Cristo Rei - Igreja de Santo Domingo, Cuenca (Equador)

Jesus Cristo morreu sob o desprezo geral, compensado pela adoração indizivelmente preciosa de Nossa Senhora

...na Ressurreição...

Porém, a majestade de Jesus Cristo se mostra também quando Ele, ressurrecto, aparece a Nossa Senhora. Porque, embora isto não esteja dito na Sagrada Escritura, eu tenho como certo que Ele, ao ressurgir dos mortos, esteve com Ela antes de Se revelar a qualquer outra criatura. Rompeu-se a sepultura, os Anjos atiraram ao chão a pedra funerária e Ele saiu (cf. Mt 28, 1-3), com todas as cicatrizes da Paixão refulgindo como sóis! E todas as manifestações d'Ele após a Ressurreição se revestiram dessa nota de majestade.

Por exemplo: Jesus entra, ninguém sabe por onde, no local em que se encontravam reunidos os discípulos (cf. Jo 20, 19). As portas e janelas fechadas não adiantavam de nada, pois Ele estava com seu Corpo glorioso e as atravessava. Que majestade entrar através de um muro que ninguém derrubou! Muitos reis na História derrubaram muralhas... Transpô-las sem as ter derrubado, só o Rei Jesus Cristo!

Ele aparece tão bondoso, tão amoroso, mas incutindo tanto medo, que suas palavras são: “A paz esteja convosco! Vede minhas mãos e meus pés, sou Eu mesmo” (Lc 24, 36.39). Como que dizendo: “Não temais, sou Eu, a grandeza!”

...e na Ascensão

Também na Ascensão é indescritível o quanto deve ter transparecido a grandeza d'Ele! Enquanto falava, ia Se elevando lentamente. À medida que Se aproximava do céu por sua própria força, e não levado por Anjos, ia ficando mais reluzente, mais majestoso!

Em certo momento, desaparece. Pode-se imaginar a alegria de Maria Santíssima por ver glorificado o Filho que Ela vira tão humilhado! De outro lado, entretanto, o que estava se passando n'Ela, de tristeza por causa da separação...

Havia, porém, mais um consolo para Nossa Senhora. Tenho a muito forte e vincada impressão de que Deus não recusou a Ela uma graça concedida a numerosos Santos: eles amaram tanto o Santíssimo Sacramento que, a partir de determinado momento de suas vidas, a Sagrada Eucaristia jamais deixou de estar neles presente. Comungavam e as Sagradas Espécies permaneciam no seu interior até a Comunhão seguinte.

Foi o caso, por exemplo, de Santo Antônio Maria Claret, fundador da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, que viveu no século XIX. Ele foi um tabernáculo vivo de Jesus Eucarístico.

Ora, se no período de gestação Nossa Senhora foi tabernáculo vivo

do Verbo Encarnado, será que ao partir para o Céu Ele não terá mantido esse privilégio? Pelo menos desde a primeira Missa, creio que jamais Nosso Senhor deixou de estar presente em Maria.

Após a Ascensão, certamente Ela pensava: “Ele está no Céu, e está também aqui!” Os Apóstolos, por sua vez, com certeza cogitavam em celebrar já no dia seguinte e recebê-Lo, por tempo maior ou menor, em seus corações. A Presença Eucarística começava, assim, a consolar a Igreja dessa longa separação de muitos mil anos, que cessará quando Ele vier no dia do Juízo Final.

Pode-se imaginar grandeza régia comparável a essa? Pois bem, há mais.

Grandeza nas piores humilhações

Que Nosso Senhor fosse adorado no seu esplendor, está explicado. Mas não é só isso.

Os inimigos d'Ele, querendo achincalhá-Lo, sujeitaram-No às humilhações da Paixão. Ele bebeu inteira a taça de todas as dores e vexações possíveis, de ponta a ponta. Os algozes não supunham que, ao longo dos séculos, cada ultraje sofrido por Ele seria venerado e que, diante de imagens representando-O sentado com a coroa de espinhos, revestido do manto de irrisão e tendo a vara



Reprodução

Os mediócrs não despertam ódio, para ser odiado como Nosso Senhor o foi, até depois de morto, há uma forma de grandeza régia

Dr. Plínio dando uma reunião para cooperadores da TFP, em fevereiro de 1986

de cretino na mão, os maiores sábios se ajoelhariam e chorariam de emoção.

Os reis mais poderosos tomariam por elogio exagerado o serem comparados, de longe, a esse Rei sentado no trono dos bobos. Ele dignificaria de tal maneira a Cruz na qual fora cravado que, no alto de todas as coroas das nações católicas, ela seria o sinal da glória.

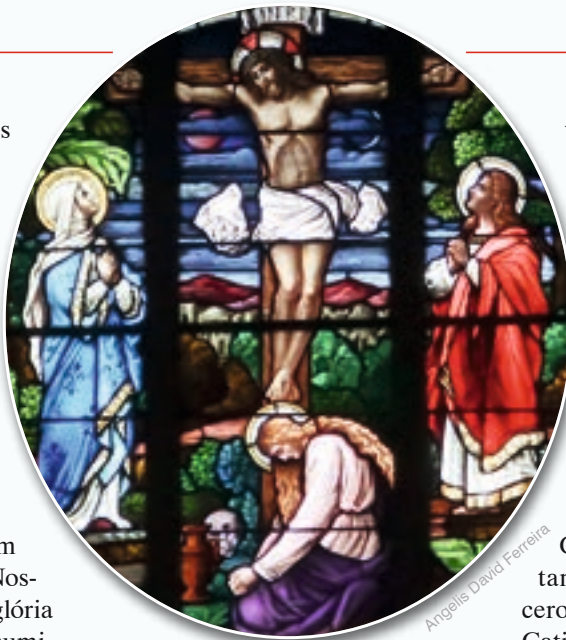
Quer dizer, ninguém foi, nem de longe, tão grande quanto Nosso Senhor, tanto nas horas de glória como nos momentos de pior humilhação. E mesmo nestas ocasiões Ele deu incríveis sinais de poder, como, por exemplo, ao bom ladrão. Ele o canonizou no alto do Calvário, prometendo-lhe, enquanto Rei do Céu e da terra: “Hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23, 43).

Notem que a promessa não é a seguinte: “Hoje estarás no Paraíso”. Jesus sabia que se não dissesse “estarás comigo”, a promessa não seria completa, pois um Paraíso sem Nosso Senhor não seria Paraíso. Que realidade!

Se Ele não foi grande, quem o foi?

Certa ocasião, um historiador francês cético fez este comentário: os historiadores costumam passar por cima da figura de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ora, eu pergunto a eles: qual é o homem que, ao longo de todos os tempos, conseguiu que tantos outros se ajoelhassem com tanta humildade diante de sua imagem, considerando-se honrados por isso? Se tal Homem não é digno de entrar na História, o que faz a História?

Os compêndios usados em colégios e universidades tratam de toda espécie de coisas, mas não de Jesus Cristo. Contudo, Nosso Senhor é o centro da História. Se Ele não foi grande, quem o foi?



Crucifixo - Igreja Nossa Senhora de Lourdes, Milltown (EUA)

Angela David Ferreira

*Os inimigos d'Ele,
querendo achincalhá-
-Lo, sujeitaram-No
às humilhações da
Paixão; Ele bebeu
inteira a taça de
todas as dores*

Alguém poderia objetar: “Dr. Plínio, é simples. O senhor, levado pelo seu entusiasmo, está ladeando a seguinte dificuldade: há provas da existência de César, Carlos Magno e Napoleão. Quem prova, porém, que Jesus existiu?”

Ora, é a existência histórica mais certa que há! Todas as razões pelas quais nós acreditamos que César existiu nos levam a crer que Jesus Cristo existiu também!

Um cretino, certa vez, me perguntou: “Onde estão os originais dos Evangelhos?” Poderia ter-lhe dado esta resposta: “A Causa Católica estaria muito mal servida se o fosse por você! Porque, se houvesse em algum lugar uma pilha de pergaminhos con-

tendo, supostamente, os originais dos quatro Evangelhos, quem nos garantiria serem, de fato, autênticos?” Eles poderiam ser objeto de culto, ou de investigação histórica como qualquer outro documento antigo, mas não uma prova da nossa Fé. Para isso, seria preciso provar que aquelas provas eram provas.

De outro lado, eu pergunto: onde estão os originais das *Catilinárias* de Cícero? Não obstante, quem põe em dúvida que Cícero existiu e que é o autor daquelas *Catilinárias*? Ninguém, por uma série de argumentos históricos, superabundantes no caso de Nosso Senhor.

O maior ódio da História

Os mediócras não despertam ódio. Há uma forma de grandeza régia em ser odiado como Jesus Cristo o foi, inclusive depois de morto. Até nisso Ele foi e é incomparavelmente grande.

Nosso Senhor será odiado com o maior ódio da História até o fim dos séculos e, quando o Anticristo vier, será uma espécie de personificação dessa sanha contra Nosso Senhor. Entretanto, a vitória final sobre o Anticristo será alcançada de um modo inédito para qualquer rei: “O Senhor Jesus o destruirá com o sopro de sua boca e o aniquilará com o resplendor da sua vinda” (cf. II Tes 2, 8).

Nem sequer precisa dar-lhe um peteleco; basta-Lhe um sopro! Reduzido o inimigo a pó, acaba a História e começa o julgamento! ✧

Extraído, com adaptações, de:
Dr. Plínio. São Paulo. Ano XX.
N.236 (nov., 2017); p.12-17

¹ Do latim: “Coração de Jesus, de majestade infinita, tende piedade de nós”.

Mãe e rainha do seu povo

A figura de Santa Margarida possui o fulgor próprio às almas de grandeza incomum, capazes de influenciar e transformar um povo inteiro. Ela brilha nos céus da História afirmando ser possível a existência de um mundo feliz e maravilhoso, fundado no respeito à Lei de Deus.



Ir. Mary Teresa MacIsaac, EP

Há uma conhecida canção escocesa, hino oficioso da nação, cuja letra diz: “Eis que a noite está caindo. Escutai as gaitas de fole chamando com força e ufania desde o fundo do vale. Lá onde as colinas parecem dormir sente-se agora o sangue pulando à altura do espírito dos homens das montanhas. [...] Que vossos estandartes tremulem gloriosamente, [...] ó Escócia, a destemida”.¹

Situado no extremo norte da Grã-Bretanha, esse pequeno país é, de fato, rico em bravura, almas férreas e corações fortes. Se folhearmos as páginas da sua história, veremos estampadas nelas as façanhas de um povo que sofreu muito com as invasões, mas que resistiu tenazmente. Basta pensar, por exemplo, nos heróis das guerras da independência nos séculos XIII e XIV.

Símbolo da rijeza própria aos escoceses é a costa rochosa que rodeia seu território. Incessantemente golpeada pelas ondas encapeladas do Mar do Norte e do Atlântico, muitas vezes parece que as águas vão submergi-la, tal é o furor com que investem contra ela. Porém, quando o mar retorna a seu leito, a falésia,

intacta, zomba dele, como que dizendo: “Ainda estou de pé!”

O mesmo espírito brioso e aguerrido, podemos encontrá-lo no rude som das gaitas de fole que os membros dessa nação costumam levar para a guerra e na própria forma de avançar de encontro ao inimigo. Assim o sublinhou o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira quando, tendo diante de si a fotografia de um soldado escocês tocando tal instrumento, afirmou: “Este homem é uma representação viva do heroísmo. A mera contemplação de sua figura nos estimula mais a abraçar o heroísmo do que a leitura de centenas de livros. Entretanto, só se compreende seu estado de alma em função das raízes católicas desse povo”.²

Para bem entendermos esse comentário precisamos recuar nos séculos e contemplar o coração ao mesmo tempo régio e maternal, cheio de fé e idealismo, de uma rainha escolhida por Deus para refletir de algum modo Maria Santíssima junto ao seu povo: Santa Margarida da Escócia.

Um providencial naufrágio

Começemos a narração voltando nosso olhar para certa noite do ano

de 1066. Uma espantosa tempestade agita o Mar do Norte. Em meio às águas que urram e espumam, pode-se distinguir uma frágil embarcação envidando todos os seus esforços para manter-se à tona. Seus tripulantes são de estirpe real: nela viaja a Princesa Ágata, viúva do Príncipe Eduardo, acompanhada por seus filhos Edgar e Margarida.

O falecido príncipe nascera no ano 1016 na Inglaterra durante o reinado de seu pai, Edmundo Braço de Ferro. Era ainda um bebê quando Canuto, o Grande, invadiu seu país e o deportou para a Suécia. Mais tarde foi conduzido para Kiev e de lá acabou viajando para a Hungria, onde se casou com a Princesa Ágata, parente próxima de Santo Estêvão. Daí provém o cognome com que ficou conhecido na História: Eduardo, o Exilado.

Tinha ele por volta de quarenta anos quando Santo Eduardo, o Confessor, o chamou para torná-lo seu herdeiro e sucessor no trono da Inglaterra. Em 1057 estava ele de volta à pátria natal, acompanhado por sua esposa e seus dois filhos, mas, poucos dias depois de ter chegado, veio a falecer.

Quando, em 1066, também Santo Eduardo partiu para a eternidade, as convulsões ocorridas no reino obrigaram a Princesa Ágata a fugir para a região da Nortúmbria, bem ao norte da Inglaterra. Vendo-se viúva e desamparada em terra estrangeira, decidiu retornar para o continente com seus filhos e embarcou com esse fim na desafortunada nau...

Impotentes nos seus esforços contra o mar bravio, os viajantes procuravam desesperadamente um lugar onde refugiar-se. Acabaram, por fim, conseguindo aportar com muita dificuldade no estuário do Rio Forth, perto da atual Edimburgo. O barco, em lugar de seguir o rumo previsto, havia sido empurrado ao norte pela tempestade.

Torna-se rainha da Escócia

O soberano escocês, Malcolm III, acolheu a nobre família em seu palácio e tratou-a com a maior simpatia e benevolência. Admirado com a virtude de Margarida, decidiu casar-se com ela, e a jovem, embora tivesse o desejo de consagrar sua vida a Deus, acabou por aceitar. Tinha à época por volta de vinte anos.

Tornou-se deste modo, na terra, rainha da nação escocesa, enquanto, do Céu, a Virgem Santíssima parecia tê-la escolhido por mãe e protetora de um povo que se mostrava aberto às sublimidades da Fé. Dir-se-ia que Nossa Senhora quis depositar antes nas mãos de Santa Margarida todas as graças que iria derramar sobre aqueles filhos seus.

A vida desta rainha nos reporta a um mundo maravilhoso, que pode parecer irreal aos olhos de quem desconhece a força transformadora da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Fruto do Sangue Preciosíssimo d'Ele foram os inumeráveis Santos e



Nunca deixava de atender a quem recorria à sua proteção

Santa Margarida da Escócia
Basílica de São Patrício, Montreal (Canadá)

Santas, religiosos e leigos, que fizeram surgir na Idade Média, a partir de povos bárbaros, a admirável Civilização Cristã.

Como tinha ocorrido na Hungria nos tempos de Santo Estêvão e viria a acontecer na França e na Espanha na época de São Fernando e São Luís, sob a influência de Santa Margarida a Escócia viveu o período mais feliz de sua história. Consolidaram-se costumes e instituíram-se leis que incentivavam a observância dos preceitos da Igreja e, sob essa base moral, o povo escocês alcançou notável prosperidade social.

Venerada como mãe pelo seu povo

Conta-nos Turgot de Durham, Bispo de Saint Andrews, confessor e principal biógrafo da rainha, que na pessoa da soberana se aliavam a operosidade e a contemplação, a elevação de espírito e um atilado senso das coi-

sas práticas, uma inteligência brilhante e uma afabilidade que levava os últimos de seus súditos a venerá-la não só como rainha, mas também como mãe.

“Nada era mais firme que sua fidelidade, mais seguro que seu favor, ou mais justo que suas decisões; nada era mais duradouro que sua paciência, mais sério que seu conselho, ou mais agradável que sua conversa”.³

Com sua modéstia, suavidade de ânimo e constante disposição benévola, ela atraía grandes e pequenos, inspirava respeito e obediência aos homens letrados, religiosos ou mesmo na gente simples e sem instrução, unindo o reino em torno de si, para, depois, conduzir todos à virtude e à prática dos Mandamentos e ensiná-los a serem devotados filhos da Santa Igreja Católica.

Nunca deixava de atender a quem recorria à sua proteção, ouvindo não só os que vinham fazer-lhe pedidos, mas qualquer um que quisesse confidenciar-lhe suas dificuldades, tristezas e provações. Para ajudar aos necessitados, ela não media esforços, vendendo inclusive suas joias pessoais quando não podia dispor do tesouro real.

Durante a Quaresma, acolhia no castelo trezentos pobres por dia e atendia a todas as suas necessidades, curando-lhes as feridas com suas próprias mãos. Alimentava-os à sua mesa, colocando os homens de um lado do salão, junto ao seu marido, enquanto ela se sentava com as mulheres na ala oposta.

Excelente formadora de bons costumes

Comenta um outro historiador que a rainha era “dotada por Deus de muitas e excelentes qualidades naturais, de mente e de corpo, e os felizes efeitos de uma plenitude de graça so-

brenatural em sua alma apareceram muito cedo”.⁴

Além da força de influência própria à virtude, a rainha orientava seus súditos no caminho do bem dando o exemplo de uma piedade ardente e zelosa por tudo quanto dizia respeito à Santa Igreja. Assim, era por todos conhecida a sua grande inclinação à oração e à leitura das Sagradas Escrituras e, sobretudo, sua devoção à Santa Missa: assistia cinco ou seis celebrações por dia, e se empenhava tanto em aprimorar tudo o que concernia ao Sacrifício do Altar, que seus aposentos no castelo mais pareciam depósitos de paramentos e vasos sagrados...

A rainha procurou, ademais, requintar o esplendor e a pompa da corte, como meio indispensável para elevar o nível cultural e espiritual do povo. Aumentou o número de servos e criados no castelo, e estabeleceu que a família real fosse servida à mesa com baixelas de ouro e prata.

Embora sempre exigisse dos membros da corte modéstia no modo de se vestir, ela fez introduzir na Escócia o uso de tecidos de melhor qualidade e com maior variedade de cores. Há historiadores que atribuem a Santa Margarida a criação do *tartan*, característico tecido de lã, usado até os dias de hoje, cujas cores e padrões variam de acordo com o clã ou a região a que se pertença.⁵

Longe de querer estimular a vaidade ou ostentação, ela se preocupava com essas questões por conhecer bem o quanto os bons costumes, uma forma digna de vestir e a elevação no trato social contribuem para a formação de uma mentalidade ordeira e respeitosa, sobre a qual repousa a paz.

Respeitada e admirada pelo rei

Sem dúvida, todo esse zelo de Santa Margarida se debruçava, antes de qualquer pessoa, sobre o próprio rei.

Era seu dever enquanto esposa apoiá-lo e ajudá-lo a crescer na vida espiritual, mas essa era também sua obrigação enquanto rainha. Quanto mais o governante avançar pelas sendas da santidade, maiores serão suas possibilidades de levar seus subordinados a imitá-lo.

Assim, ela foi ensinando o rude Rei Malcolm a rezar e a governar com verdadeira justiça. Seu marido a amava e temia ofendê-la, tal era o respeito que as virtudes dela lhe incutiam. Obedecia a todos os seus conselhos, dando-lhe também grande liberdade para empregar os bens da coroa na construção de mosteiros,



Santa Margarida foi ensinando o rude Rei Malcolm a rezar e a governar com verdadeira justiça

Rei Malcolm - Scottish National Portrait Gallery, Edimburgo

igrejas ou em qualquer obra que visasse fortalecer a Religião.

Conta o Bispo Turgot que, não sabendo ler, o soberano costumava apanhar os livros de piedade de Margarida e oscular os que percebia agradar-lhe mais. E, como sinal de devoção e afeto, mandou confeccionar capas de ouro e pedras preciosas para os mais estimados por ela.

“Que meus filhos amem e temam a Deus”

O casal teve oito filhos: Edward, Edmund, Ethelred, Edgar, Alexander, Matilde, Mary e David. Santa Margarida não poupou esforços para educá-los, estando sempre vigilante sobre as más inclinações que despontam já em tenra idade.

Seu coração maternal os repreendia e castigava com firmeza e sabedoria, mas fazia-o com uma bondade tão transbordante que eles se deixavam moldar por ela com inteira confiança. Graças aos seus cuidados, tornaram-se afetuosos e pacíficos. Desde pequenos, os mais novos respeitavam os irmãos mais velhos, dando exemplo de como deve ser o verdadeiro relacionamento cristão entre os que estão unidos pelos laços da fé e do sangue.

Ao alcançarem a idade adulta, a vida dos filhos de Santa Margarida foi digna da grandeza dos seus antepassados. Três deles – Edgar, Alexander e David – tornaram-se reis da Escócia, fazendo com que por duzentos anos o país fosse governado por filhos, netos e bisnetos da santa rainha. Ethelred chegou a ser abade de Dunkeld; Matilde tornou-se rainha da Inglaterra pelo matrimônio com Henrique I; Mary casou-se com Eustácio, Conde de Bolonha e irmão de Godofredo de Bouillon, o conquistador de Jerusalém na Primeira Cruzada. Edmund fez-se monge.

O entranhado amor dessa extrema mãe pelos seus filhos manifes-

tou-se com grandiosa beleza quando, na primavera do ano 1093, ela foi acometida por uma dolorosa doença e, sentindo que sua hora chegara, quis fazer uma Confissão geral.

Derramando copiosas lágrimas, ela disse a seu confessor: “Adeus, pois não permanecerei aqui por muito tempo. [...] Duas coisas vos peço: a primeira é que todo o tempo em que vivais, vos lembreis de minha pobre alma em vossas Missas e orações; a segunda, que cuideis de meus filhos, e os ensineis a temer e a amar a Deus. E quando virdes algum deles atingindo o ápice das grandezas terrenas, sede especialmente um pai e guia para com ele. Admoestai-os, e repreendei-os se necessário for, no caso de eles se ensoberbecerem com as glórias passageiras”.⁶

Sabedoria e equilíbrio, até o fim!

Durante seis meses Margarida convalesceu, podendo poucas vezes levantar-se da cama. A cada dia suas dores aumentavam, mas ela tudo suportava com paciência e oração. Não reclamava, e permanecia sempre serena.

Àquela época o Rei Malcolm teve de partir para a guerra contra Guilherme, o Conquistador, e veio a perecer no combate, juntamente com seu filho primogênito, Edward. Conta-se que Margarida soube, à distância, o que acontecia, pois naquela tarde ela ficou muito triste, sem nenhuma razão aparente, e em certo momento disse, suspirando: “Talvez neste dia uma pesada calamidade caia sobre o reino da Escócia, como não houve em muitos anos passados”.⁷



Stephentickson (CC by-sa 3.0)

Ela atravessou os séculos como modelo de mãe e rainha

Santa Margarida - Scottish National Portrait Gallery, Edimburgo

Quatro dias depois, seu filho Edgar retornou da batalha. Ao entrar no quarto de sua mãe, ela lhe perguntou: “Vai tudo bem com o rei e com o meu Edward?” Edgar respondeu: “Vosso esposo e vosso filho foram mortos”.

Erguendo os olhos para o céu, ela replicou: “Louvor e bênçãos a Vós, ó Deus todo-poderoso, que achastes

bem fazer com que eu sofresse tão amarga angústia na hora de minha partida, para purificar-me, em alguma medida, da corrupção dos meus pecados. E Vós, Senhor Jesus Cristo, que pela vontade do Pai redimistes o mundo por vossa Morte, libertai-me!”⁸

Dizendo estas palavras, rendeu sua alma a Deus.

* * *

A vida de Santa Margarida se apresenta aos nossos olhos como uma seguidilha ininterrupta de atos de virtude, premiados por Deus com a felicidade e o êxito. Contudo, cabe nos perguntarmos: não terá ela sofrido terríveis provações de alma, desconhecidas por aqueles a cercavam? E não terá sido esse holocausto interior o incenso de suavíssimo odor que lhe obteve a conversão e santificação do seu povo?

Não o sabemos. Entretanto, se Santa Margarida atravessou os séculos como modelo de mãe e rainha, espelho das virtudes de Maria Santíssima, de algum modo ela deve ter carregado, no íntimo de seu coração, a dura, negra e fria Cruz de Cristo.

Por seu amor ao Divino Mestre, pelo desejo de imitá-Lo e de fazer com que o Preciosíssimo Sangue do Redentor transformasse seus súditos, a virtuosa rainha da Escócia deita ainda hoje o fulgor próprio às almas de uma grandeza incomum. Ela brilha nos céus da História afirmando a existência de “um mundo onde as maravilhas são possíveis e o extraordinário e o estupendo se tornam realizáveis”.⁹ ✧

¹ Trata-se de *Scotland the brave*, um dos hinos não oficiais desta nação. Embora a melodia remonte ao século XIV, a letra pela qual é hoje conhecido foi composta apenas na década de 1950.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 5 fev. 1969.

³ TURGOT DE DURHAM. *Life of Saint Margaret, Queen of Scotland*. Edinburgh: William Paterson, 1884, p.29.

⁴ GEDDES, John. *The life of Saint Margaret, Queen of Scotland*. Aberdeen: J. Chalmers, 1794, p.10.

⁵ Cf. Idem, p.24.

⁶ Idem, p.44.

⁷ TURGOT, op. cit., p.73.

⁸ GEDDES, op. cit., p.47.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 9 jun. 1964.

“Amai os vossos inimigos”?

Se vissemos uma pessoa a quem muito amamos sendo maltratada, ou até difamada e ultrajada, agiríamos com indiferença? Ou nos apressaríamos em ajudá-la, apoiá-la e defendê-la? Analisemos o problema à luz das Sagradas Escrituras.



Amanda de Aviz Lentz

“**S**enhor, quantas vezes devo perdoar a meu irmão, quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?” – perguntou Pedro. E o Divino Mestre respondeu: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt 18, 21-22).

Quantos ensinamentos Jesus nos deixou em relação à bondade que devemos ter no trato com aqueles que agem mal conosco! Porém, quando a ofensa não é feita à nossa pessoa, mas sim a Deus e à sua Santa Igreja, como devemos proceder? A julgar pelo próprio Evangelho, de um modo bem diferente...

Uma visão deturpada da virtude da misericórdia

Narra São João Evangelista que, quando Nosso Senhor encontrou no Templo de Jerusalém os negociantes de animais e os cambistas, “fez um chicote de cordas, expulsou todos do Templo, como também as ovelhas e os bois, espalhou pelo chão o dinheiro dos trocadores e derrubou as mesas” (Jo 2, 15). E, a seguir, disse aos que vendiam as pombas: “Tirai isto daqui e não façais da casa de meu Pai uma casa de negociantes” (Jo 2, 16).

Alguém poderia pensar: “Mas por que agiu Jesus dessa forma? Como fica a virtude da misericórdia?”

O mencionado episódio em nada contradiz essa virtude que, como tantas outras, é compreendida de forma totalmente deturpada em nossos dias.

Deus Se manifesta ao mesmo tempo bondoso e severo. Acolhe o pecador desejoso de que ele se arrependa – e nisso consiste sua misericórdia –, mas tal atitude não significa que seja indiferente ao pecado, nem que esteja disposto a acolher as infâmias e abominações do faltoso sem se incomodar com elas ou exigir-lhe emenda.

Não, Deus não age assim!

Dois exemplos tirados do Novo Testamento

Lembremos, por exemplo, as palavras cheias de fogo de São Pedro quando, em sua segunda epístola, descreve a “ruína repentina” que atrairão sobre si os “falsos doutores que introduzirão disfarçadamente seitas perniciosas” (2, 1):

“Muitos os seguirão nas suas desordens e serão desse modo a causa de o caminho da verdade ser caluniado. Movidos por cobiça, eles vos hão de explorar por palavras cheias de astúcia. Há muito tempo a condenação os ameaça, e a sua ruína não dorme. Pois se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os precipi-

tou nos abismos tenebrosos do inferno onde os reserva para o julgamento; se não poupou o mundo antigo, e só preservou oito pessoas, dentre as quais Noé, esse pregador da justiça, quando desencadeou o dilúvio sobre um mundo de ímpios; se condenou à destruição e reduziu a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra para servir de exemplo para os ímpios do porvir; se, enfim, livrou o justo Ló, revoltado com a vida dissoluta daquela gente perversa [...] é porque o Senhor sabe livrar das provações os homens piedosos e reservar os ímpios para serem castigados no dia do juízo” (2, 2-7.9).

Recordemos ainda a justiça anunciada por São Paulo contra os que se deixam levar pelas paixões desregradas, tal como os pagãos, pois “desprezar estes preceitos é desprezar não a um homem, mas a Deus, que nos deu o seu Espírito Santo” (1 Tes 4, 8).

Não há uma terceira posição

E nós, como reagimos quando Deus é ofendido?

Se vissemos uma pessoa a quem muito amamos sendo maltratada, ou até difamada e ultrajada, agiríamos com indiferença, como se esse ato não nos importasse? Ou nos apres-

saríamos em ir ao seu encontro para ajudá-la, apoiá-la e defendê-la?

Pois bem, muitíssimo maior deve ser nosso zelo ao vermos os ímpios descritos por São Pedro agindo para tentar destruir, com palavras cheias de astúcia, a Verdade Encarnada. Se formos indiferentes a isso, acabaremos sendo coniventes com o mal praticado, participaremos do pecado por eles cometido e mereceremos a mesma punição.

Quando o ataque é contra Nosso Senhor e sua Igreja, e não contra nossa pessoa, jamais podemos ficar neutros: ou aderimos à causa de Cristo, dispostos a tudo fazer para o bem do seu Corpo Místico, ou, como Pilatos, estaremos permitindo, com nossa atitude passiva, uma nova crucifixão.

Cabe a cada um de nós escolher entre essas duas opções. Não há uma terceira posição. Qualquer ataque feito contra a Igreja, contra os seus Santos, doutrinas, Mandamentos e instituições, vulnera de algum modo o Corpo Místico de Cristo e deve ser considerado, portanto, como uma tentativa de atingir o próprio Deus.

“Também vos não de perseguir”

Não tenhamos, entretanto, nenhuma ilusão. Se até o Filho de Deus foi perseguido e caluniado pelos homens, por que não o seremos também?

Não em vão disse Ele aos seus discípulos: “Se o mundo vos odeia, sabeí que Me odiou a Mim antes que a vós. Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como sendo seus. Como, porém, não sois do mundo, mas do mundo vos escolhi, por isso o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que vos disse: O servo não é maior do que o seu senhor. Se Me perseguiram, também vos não de perseguir” (Jo 15, 18-20).



Cristo expulsa os cambistas do Templo, por Cecco del Caravaggio Gemäldegalerie, Berlim

Qual deve ser a reação de um verdadeiro discípulo de Nosso Senhor vendo-O tão odiado e ofendido em nossos dias?

E a fim de melhor preparar seus discípulos contra o ódio dos seus inimigos, o Divino Mestre repete um pouco mais adiante: “Eles vos expulsarão das sinagogas, e virá a hora em que todo aquele que vos tirar a vida julgará prestar culto a Deus. Procederão desse modo porque não conheceram o Pai, nem a Mim. Disse-vos, porém, essas palavras para que, quando chegar a hora, vos lembreis de que vo-lo anunciei” (Jo 16, 2-4).

Não seguirei o exemplo dos ímpios!

Qual deve ser a reação de um verdadeiro discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo, vendo-O tão odiado e ofendido em nossos dias? Ajoelhar-se diante de um crucifixo e dizer: “Meu Senhor, não seguirei o exemplo que me destes de oferecer a outra face aos que me batem, pois não é a mim que esbofeteiam, mas sim a Vós. A vossa face encontra-se já desfigurada, chegou o momento de intervir!”

Quando o ofendido é Deus, deve-se repetir o imortal clamor do salmista: “Senhor, Deus justiceiro, Deus das vinganças, apareci em vosso esplendor. Levantai-Vos, Juiz da terra, castigai os soberbos como eles merecem. Até quando, Senhor, triunfarão os ímpios? Até

quando se desmandarão em discursos arrogantes, e jactanciosos estarão esses obreiros do mal?” (Sl 93, 1-4).

Façamos nossas as abrasadas palavras de São Luís Maria Grignion de Montfort ao predizer os dias futuros em que católicos fiéis haveriam de enfrentar inúmeras perseguições: “Erguei-Vos, Senhor: por que pareceis dormir? Erguei-Vos em todo o vosso poder, em toda a vossa misericórdia e justiça”¹.

Peçamos a Deus que, fazendo justiça contra essa “gente perversa” (II Pd 2, 7), abra o quanto antes o caminho para a implantação do Reino do Imaculado Coração de Maria prometido por Nossa Senhora em Fátima. ✧

¹ SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. Prière Embrasée, n.30. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Seuil, 1966, p.687-688.

Sob a maternal proteção de um xale lilás

João Socognamiglio Clá Dias



Conhecida e admirada pela bondade que regeu sua existência terrena, Dona Lucilia tem ajudado com maternal afeto, após a morte, aqueles que procuram sua bondosa intercessão.



Elizabete Fátima Talarico Astorino

Ora uma mãe desesperada e preocupada com o comportamento de seu filho, ora um enfermo já desenganado pelos médicos, ora alguém necessitado de ajuda financeira... Dos mais diversos países chegam até nós, cooperadores dos Arautos do Evangelho, relatos de graças alcançadas por intermédio de Dona Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira, mãe de Dr. Plínio.

Conhecida e admirada pela bondade que regeu sua existência, e pela doçura com que acolhia os mais fracos e estropiados, esta caridosíssima senhora tem amparado “sob seu característico xale lilás” aqueles que invocam sua maternal proteção.

Vejamos alguns exemplos.

“Dona Lucilia, salva o meu marido!”

Grata por tantos benefícios obtidos pela intercessão de Dona Lucilia, Maria Cristina Martins, de São Paulo, não deixa de reconhecer o auxílio

desta maternal dama: “Desejo muito que essa senhora se torne uma santa reconhecida pela Igreja, porque distribuí muitos dons a incontáveis pessoas, especialmente para as de pouca fé”.

E, no intuito de propagar os inúmeros favores recebidos, narra um importante episódio de sua vida, ocorrido no Cemitério da Consolação, onde à época trabalhava:

“Eu estava com meu marido, Adelino Pedro da Silva, enfeitando túmulos, quando uma outra florista adentrou o cemitério dizendo-me que estava com um demônio no corpo e iria me matar. Ela puxou uma arma de fogo calibre 32, mirou e atirou por três vezes. As balas não me atingiram.

“Nessa hora meu marido se lançou sobre ela, para tentar desarmá-la. Ela disse que atiraria nele, e realmente o fez. Uma bala o atingiu, e ele caiu no chão. Ele invocou Dona Lucilia, pedindo que não o deixasse morrer, e eu também rezei a ela: ‘Dona Lucilia, salva o meu marido!’

O próprio Adelino narra o acontecido nesse momento: “Por um milagre de Deus, eu trazia um crucifixo de madeira e a bala bateu e desviou pelo lado direito. Comecei a sentir muita dor, mas quase não saiu sangue, pois a hemorragia maior foi interna. Lembrei-me das vezes que fui levar flores para Dona Lucilia, e pedi: ‘Dona Lucilia, não me deixe morrer assim. Peço a sua intercessão diante de Deus, porque a senhora é uma advogada junto a Ele. Eu não me animo a pedir diretamente, pois talvez Ele não me atenda. Mas pedindo com a sua intercessão, tenho mais força’.

“Fui internado na Santa Casa de Misericórdia e sempre me admiro por até hoje estar vivo. Dona Lucilia é uma verdadeira santa! Ela me salvou! Os médicos me operaram, mas não retiraram a bala porque viram que não havia problema. Graças a Deus tudo correu bem, e não demorei muito para o médico me dar alta. Tenho ainda a bala alojada em meu peito”.

Um desafio a Dona Lucília

Querendo ajudar sua amiga Marinildes, que se encontrava com problemas financeiros e complicações de saúde, Patrícia Sampaio de Oliveira, de Salvador (BA), aconselhou-a a pedir a intercessão de Dona Lucília:

“Ela era alérgica a quase tudo: milho, glúten, leite, vários produtos de limpeza, insetos... Passando um período em minha casa, pois estava desempregada, falei para ela pedir a Dona Lucília para dar um jeito em sua vida... Para arranjar um emprego, melhorar a saúde, conseguir se aposentar... Mas, era em vão...”

“Após inúmeras recomendações, ela resolveu fazer um desafio, pedindo um sinal: se realmente Dona Lucília fosse ajudá-la, a primeira pessoa que encontrasse naquele dia deveria fazer uma menção a ela. Naquela situação, quem poderia fazer isso senão eu? Só que neste dia saí para o trabalho muito cedo e não me encontrei com Marinildes.

“Porém, trabalhava em minha casa uma outra senhora e, assim que esta chegou, minha amiga foi mostrar-lhe uns anéis de pedra. Ao ver um anel lilás, esta senhora exclamou: ‘A cor de Dona Lucília!’

“A pobre levou um susto e pôs-se a chorar, pedindo perdão a Dona Lucília por sua desconfiança. Desde então, minha amiga em tudo tem recorrido a ela. Suas alergias diminuíram noventa por cento, arrumou emprego e tem alcançado numerosos favores...”

**“Sua mãe havia
pedido para
eu esperar”**

Tempos mais tarde, já habituada a recor-

rer a Dona Lucília, Marinildes pediu a ela ajuda para encontrar a carteira que tinha perdido, querendo inclusive um sinal claro de que seria atendida.

Dois dias depois, recebeu um telefonema de um desconhecido dizendo-lhe que estava com sua carteira e queria devolvê-la. Combinou então o local e o horário onde se encontrariam, mas ela acabou se atrasando mais ou menos uma hora.

Quando chegou ao lugar, deparou-se com um mendigo à sua espera, nervoso pelo tempo que ela o fizera aguardar. “Só não fui embora porque sua mãe havia pedido para eu esperar, e não se pode negar nada

*“Dona Lucília, não
me deixe morrer;
peço a sua interces-
são diante de Deus,
porque a senhora
é uma advogada
junto a Ele”*



Casal Adelino e Maria diante do túmulo de Dona Lucília - São Paulo; na página anterior, Dona Lucília Corrêa de Oliveira, aos 92 anos de idade, fotografada por Mons. João Scognamiglio Clá Dias

a uma senhora de mais de noventa anos”, disse-lhe o homem. Surpresa, Marinildes perguntou:

— Minha mãe?!

Apontando para a foto de Dona Lucília que estava na carteira, o mendigo respondeu:

— Sim, sim, sua mãe.

Após este fato, Marinildes pôde comprovar o quanto Dona Lucília a tem acompanhado e atendido em suas necessidades, cuidando dela com especial carinho e proteção.

Uma ovelha perdida que voltou a casa

Aura Elena Ramírez conta que estava preocupada com seu irmão que, obstinando-se a discordar dos ensinamentos e conselhos dados pela Santa Mãe Igreja, afastava-se cada vez mais da verdade e da graça. Então, resolveu fazer uma novena a Dona Lucília, a fim de que ela resolvesse esse caso: “Pedi a ela que me ajudasse com meu irmão e que o adotasse como seu filho”.

Encontrando-se no quinto dia da novena, seu irmão lhe escreveu muito impressionado:

“Que incrível, hoje estou interiorizando a grande importância que tem a Igreja Católica instituída pelo pró-

prio Jesus Cristo. Agora, sim, tenho mais claras as coisas e aceito a Religião Católica como a verdadeira, aos meus trinta e oito anos!”

Ela aproveitou a oportunidade para convidá-lo à Confissão, explicando-lhe toda a sua importância. Logo em seguida, enviou-lhe um exame de consciência e uma foto de Dona Lucília, afirmando ter sido ela a benfeitora desta mudança repentina que o ajudou a

despertar para a verdade. Incentivou-o também a rezar a ela:

“Peça diretamente a ela, já que é uma grande intercessora, defensora de nossas almas e mãe espiritual, pois com a ajuda dela você conseguirá dar o passo de viver o Sacramento da Confissão, para logo viver o Sacramento da Eucaristia”.

Pouco depois, no dia 22 de abril, data em que se comemora o aniversário natalício de Dona Lucília, seu irmão escreveu-lhe novamente para dizer que era um homem novo: após muitos anos pôde confessar, receber a Comunhão e assistir à Santa Missa, sentindo um bem-estar que havia muito não experimentava.

Cheia de contentamento e alegria, Aura afirma: “Este grande milagre se deve à intercessão de Dona Lucília, a quem sempre peço a perseverança de meu irmão, uma ovelha perdida que voltou a casa, graças a ela”.

“Fui curado por causa dela!”

Do longínquo Sri Lanka escrevem-nos Avinash, aluno do Projeto Futuro e Vida, a fim de relatar uma graça que seu tio recebeu por intercessão de Dona Lucília:

“Em abril passado, quando eu estava na casa dos Arautos, meu pai li-

gou contando que o meu tio Salomon Fernando tivera um ataque cardíaco e se encontrava às portas da morte. Quando ele disse isso, consolei-o afirmando: ‘Ele vai ser curado’.

“No dia seguinte soube da gravidade de seu estado de saúde e, ainda nesse dia, uma chamada urgente do hospital informava que ele tinha entrado em coma. Parti imediatamente para vê-lo, junto com o meu pai. Quando cheguei, ele estava em uma situação lamentável... Então me lembrei de Dona Lucília e rezei a ela por sua cura.

“Eu tinha uma pequena foto de Dona Lucília e perguntei à enfermeira se podia deixar perto dele, mas ela não permitiu. Esperei que ela deixasse o local e, assim que saiu, coloquei a

foto sob o travesseiro e comecei a rezar a Dona Lucília pela cura do meu tio.

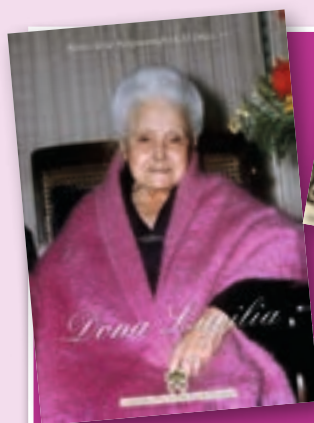
“Dois dias depois, recebemos um novo telefonema pedindo para irmos ao hospital. Quando chegamos lá, para nossa surpresa o meu tio estava sentando e conversou comigo como uma pessoa normal. Só então me dei conta de que ele fora curado por causa de Dona Lucília. Sem perguntar-lhe nada, ele próprio tomou a iniciativa de explicar.

“Na noite anterior, por volta das onze horas, enquanto ele ainda estava em coma, senti de repente uma força em seu corpo e foi capaz de mover as pernas e as mãos com facilidade. Quando balançou a cabeça, viu uma foto se desprender do travesseiro. Salomon a tomou nas mãos sem saber quem era e começou a fazer seus pedidos.

“Após dar essa explicação, ele exclamou: ‘Fui curado por causa dela!’ E dizia isso enquanto apontava para a foto.

“Meu pai conversou com o médico que acompanhou o caso do meu tio e este fez uma declaração que nos deixou atônitos: ‘Em meus quinze anos de experiência, vi nove pacientes nesse tipo de coma e todos eles morreram, exceto ele (Salomon)... É um milagre’.

Após muitos anos, seu irmão pôde confessar, receber a Comunhão e assistir à Santa Missa: era um homem novo



Dona Lucília

Uma biografia de Dona Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira, escrita por Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, e editada pela *Libreria Editrice Vaticana*.

Preço: 15€ (portes de envio incluídos)

Pedidos pela internet: pedidos@custodiosdemaria.pt ou pelo telefone 212338950

“Meu tio conserva a foto e reza a Dona Lucília. Narrei-lhe alguns fatos da vida dela que os irmãos tinham me contado. Sou testemunha desse milagre, que vi com os meus próprios olhos: ‘Senhora Dona Lucília, mãe nossa, ajudai-nos’”.

“Sentimos a intervenção de Dona Lucília em tudo”

Miguel Aravena Domich, de Santiago do Chile, recebeu a notícia de que sua esposa estava com um câncer já avançado, em estágio 4, além de um tumor no braço. Preocupado com o estado de saúde dela, foi aconselhado por um conhecido a pedir a intercessão de Dona Lucília:

“Foi nesse momento de aflição e incerteza que um amigo de trabalho me deu uma foto de Dona Lucília. Disse-me que ela havia sido uma senhora muito boa e piedosa, que sempre rezava pelos que lhe pediam orações. Comentou que, em vida, tinha se mostrado muito generosa com os mais necessitados”.

Chegando em sua residência, colocou a foto na sala de jantar, onde, juntamente com sua esposa, fez uma oração:

“Rezamos a ela para que nos ajudasse a enfrentar todos os sofrimentos e padecimentos do câncer, sem permitir que nos desesperássemos. E todas as noites, após cada procedimento, renovávamos os pedidos e o oferecimento a Dona Lucília, o que nos dava muita paz e esperança”.

Tendo passado, sem maiores complicações, pelos procedimentos necessários para a retirada do câncer, sua esposa logo se recuperou. Pondo-se novamente diante da foto de Dona Lucília, o casal agradeceu seu auxílio e proteção, fazendo um novo pedido: a graça de ter um filho, apesar dos impedimentos da idade e dos tratamentos realizados.

Procuraram um médico especialista para estudar a possibilidade, mas, após vários exames, receberam



Dona Lucília portando seu característico xale lilás

João Socognamiglio Clá Dias

a notícia de que, devido aos antecedentes oncológicos, esse desejo tornava-se impossível. Abalados com o laudo médico, suplicaram o auxílio de Dona Lucília:

“Sofremos muito com essa notícia e, ao sair da consulta, pedimos a Dona Lucília que nos ajudasse mais uma vez, fazendo-nos aceitar as palavras do doutor e nos resignarmos com a vontade de Deus”.

Miguel e sua esposa, porém, não perderam a esperança, implorando a realização desse impossível: “Deixamos a foto de Dona Lucília na sala de jantar e continuamos a rezar para que nos protegesse e nos permitisse sermos pais.

“Um ano e meio depois, minha esposa começou a sentir-se mal, reclamando de vários incômodos. Tememos ser o regresso do câncer em algum órgão e novamente pedimos a Dona Lucília para aceitar a vontade de Deus.

“Fomos a um médico que a mandou realizar vários exames. Resultado: não era um novo câncer, mas uma gravidez avançada, de três meses de gestação. Saímos emocionados e agradecidos pelo milagre de Dona Lucília conseguir de Deus este fruto. Para quem reza e confia,

Esta caridossíssima senhora tem amparado “sob seu característico xale lilás” aqueles que invocam sua maternal proteção

nada é impossível. Realmente esta senhora atendeu os nossos pedidos. Nossa filha Ana Gracia Lucília Aravena Fiallos nasceu radiante, saudável e forte”.

Cheio de contentamento, afirma o casal: “Em nosso matrimônio sentimos a intervenção e a ajuda de Dona Lucília em tudo”.

Assim, essa dama brasileira, que soube demonstrar em toda a sua existência terrena um sobrenatural senso de compaixão, não podendo ver alguém entristecido ou magoado ainda que se tratasse de um desconhecido, tem marcado após sua morte a vida de muitos devotos com especiais episódios de proteção e auxílio. ✧



Fotos: Gabriel Escobar

Colômbia – No dia 30 de agosto, Dom Fidel León Cadavid Marín, Bispo de Sonsón-Rionegro, inaugurou a nova Casa Nossa Senhora de Fátima, que os Arautos estão construindo na região de Medellín. Além de presidir a solene Celebração Eucarística, percorreu todo o prédio e abençoou, na capela, o sacrário e o altar.



Fotos: Kennet Montes

Honduras – O trabalho realizado na primeira semana de setembro por missionários arautos na cidade de Comayagua teve como ponto alto a realização de “Um dia com Maria”. Houve palestras e uma solene Eucaristia foi presidida pelo Bispo Diocesano, Dom Roberto Camilleri, OFM, e concelebrada pelo Pe. Javier Pérez Beltrán, EP.



Fotos: Agostinho Mapanga

Moçambique – Por causa do seu importante papel na consolidação dessa vocação, o Pe. Arão Mazive, EP, foi convidado para presidir a cerimônia de tomada de hábito da primeira moçambicana a ingressar no convento das clarissas, em Naamacha. Numerosos sacerdotes regulares e seculares participaram na Concelebração.



Fotos: Eric Salas

Espanha – Centenas de fiéis acorreram no dia 5 de outubro à Colegiada de San Isidro, em Madri, para participar na devoção reparadora dos Primeiros Sábados. Antes de dar início à cerimônia, a Imagem Peregrina entrou em cortejo, conduzida por Cooperadores dos Arautos e foi simbolicamente coroada.



Fotos: Edwin Rosario

República Dominicana – Quarenta e oito pessoas se consagraram a Nossa Senhora no dia 7 de setembro, na Paróquia da Universidade Católica de Santo Domingo. A Eucaristia foi presidida por Dom Jesús Castro Marte, Bispo Auxiliar e Reitor da mencionada Universidade.



Fotos: Tiago Krüger

Itália – Entre os dias 4 e 7 de outubro os Arautos do Evangelho realizaram uma Missão Mariana na paróquia Santo Antônio de Pádua, em Roma. A Imagem Peregrina foi objeto da veneração dos fiéis no templo, percorreu em procissão as ruas adjacentes à paróquia e visitou lares, comércios e instituições de ensino.



Fotos: V.Nuno Moura

Vendas Novas – No dia 28 de Setembro, D. Francisco Senra Coelho, Arcebispo Metropolitano de Évora, presidiu a uma Eucaristia na Paróquia de S. Domingos Sávio, em Vendas Novas, na qual uma comunidade de missionários dos Arautos foi inaugurada. Também um sacerdote Arauto colaborará habitualmente nas missas dominicais desta unidade pastoral.



Fotos: Nuno Moura

Sameiro: Homenagem à Virgem de Fátima

No dia 12 de outubro, véspera da data que assinala a última aparição da Virgem Maria aos três pastorinhos, os Arautos do Evangelho reuniram cerca de 1500 fiéis no Santuário do Sameiro, em Braga. A Solene Eucaristia foi presidida pelo Cônego José Paulo Abreu, Presidente da

Confraria do Sameiro, e concelebrada por sacerdotes da instituição. No início da celebração a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria entrou em cortejo e foi solenemente coroada. Após esse ato todos renovaram a sua consagração a Jesus pelas mãos de Maria. ✧



Descoberta obra-mestra em cozinha doméstica

Não foi pequena a surpresa de uma dona de casa de Compiègne, França, ao descobrir que o quadro pendurado durante anos na sua cozinha era, na realidade, uma obra-mestra da arte sacra. Segundo o especialista Eric Turquin, ele teria sido pintado por Cenni di Petro Cimabué, famoso artista florentino do século XIII e mestre do ainda mais célebre Giotto di Bondone.

Trata-se de um painel de vinte e cinco centímetros de altura representando Nosso Senhor sendo escarnejado. Acredita-se que forme parte de um díptico do ano 1280, constituído por oito cenas da Paixão e Crucifixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, duas das quais se encontram no National Gallery, de Londres. Depois de comparar as diversas pinturas com luz infravermelha, Turquin afirmou sem dúvida que elas “foram feitas pelas mesmas mãos”.

Relíquias de Santa Bernadette peregrinam pela Espanha

Uma costela de Santa Bernadette Soubirous está peregrinando pela Espanha desde o dia 31 de agosto. Ela percorrerá, até meados de dezembro, as quarenta e oito dioceses do país, comemorando os 175 anos do nascimento da vidente de Lourdes e os 140 de seu falecimento.

O fervor dos fiéis os levou a encomendar para a ocasião um belíssimo relicário de setenta centímetros de al-

tura, inspirado na Basílica de Lourdes. Ele foi confeccionado pelo ateliê Arte Granda, uma firma especializada em arte sacra com sede em Madri.



Camboja venera relíquias dos pais de Santa Teresinha

Desde fins de agosto até o dia 16 de setembro as relíquias de São Luís Martin e Santa Zélia Guérin, pais de Santa Teresinha do Menino Jesus, percorreram as diversas paróquias do Vicariato Apostólico de Phnom Penh e das Prefeituras Apostólicas de Kompong-Cham e Battambang, no Camboja.

As relíquias do bem-aventurado casal, canonizado em 2015, foram acompanhadas por numerosos fiéis, que organizaram Missas, procissões, vigílias e outros atos piedosos. Pessoas não batizadas participaram também com vivo interesse das celebrações.

A grande maioria dos quinze milhões de cambojanos pratica o budismo. Apenas vinte mil fiéis, atendidos desde 1990 pelos missionários do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras, compõem a minoria católica.

Diocese alemã celebra sua primeira beatificação

No domingo 15 de setembro, com o templo repleto de fiéis, a Diocese de Limburg, na Alemanha, celebrou a primeira beatificação de sua história: a do Pe. Richard Henkes, SAC. A cerimônia teve lugar na catedral e foi presidida pelo legado pontifício, Cardeal Kurt Koch, e concelebrada pelo Bispo de Limburg, Dom Georg Bätzing, e numeroso clero.

Pertencente à Ordem dos Palotinos, o Pe. Henkes foi preso pela Gestapo em Racibórz, Polônia, e enviado para o campo de concentração de Dachau. Ali se apresentou como voluntário para trabalhar no bloco de quarentena, onde faleceu por causa de uma epidemia de tifo no dia 22 de fevereiro de 1945, aos quarenta e cinco anos de idade.

Pe. Henkes esteve encerrado junto com muitos outros clérigos, entre os quais doze membros de sua Ordem, que conseguiram das autoridades permissão para que seu corpo fosse incinerado separadamente. Isso possibilitou que suas cinzas fossem recolhidas e guardadas com reverência, até serem enterradas no cemitério palotino de Limburg, no dia 7 de junho de 1945, vigésimo aniversário de sua primeira Missa.

Aprovado primeiro milagre acontecido em Knock

A Conferência Episcopal da Irlanda reconheceu o primeiro milagre realizado no Santuário Mariano de Knock: a cura de Marion Carroll, que sofria de esclerose múltipla há dezessete anos. O fato aconteceu em 1989, mas somente agora a comissão que o estudava chegou a uma conclusão definitiva.

No dia 1º de setembro, durante uma Missa no santuário, o Bispo de Ardagh and Clonmacnois, Dom Francis Duffy, anunciou: “Reconheço que Marion foi curada de uma prolongada doença durante uma peregrinação a este santo local”. De seu lado, o Arcebispo de Tuam, Dom Michael Neary, também presente na celebração, declarou: “Hoje a Igreja reconhece oficialmente que esta cura não tem explicação médica e, unida em oração, agradece a Deus”.

Na época em que o milagre ocorreu, a Sra. Carroll sofria de epilepsia e sua visão estava muito debilitada. Foi conduzida de maca ao santuário e, tendo recebido ali a bênção do

Santíssimo Sacramento, levaram-na de volta ao albergue para repousar. Ao acordar estava livre da doença.

O lugar onde hoje se encontra o Santuário de Knock foi cenário, em 21 de agosto de 1879, de uma aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo, que Se apresentou como o Cordeiro de Deus. Junto a Ele estavam a Santíssima Virgem Maria, São José, São João Evangelista e vários Anjos. Uma multidão de fiéis se reuniu no local para rezar o Rosário por cerca de duas horas e, apesar de haver irrompido uma forte tormenta, o terreno onde estavam permaneceu seco.

Descoberta arqueológica relembra milagre de Cristo

A leste do Lago de Tiberíades, nos restos de uma cidade chamada Hippos, que fazia parte da Decápole, arqueólogos da Universidade de Haifa encontraram um pavimento de mosaico com dez metros de largura por quinze de comprimento representando, entre outras figuras, dois grupos de três peixes e doze cestos com cinco pães.

A descoberta se deu nas ruínas de uma igreja construída no século V ou início do século VI, e destruída por um incêndio no século VII. Tudo indica que os desenhos fazem referência aos pães e peixes que sobraram após Nosso Senhor ter saciado com cinco pães e dois peixes uma multidão de aproximadamente cinco mil pessoas, sem contar mulheres e crianças (cf. Mt 14, 17-21).

No comunicado da universidade afirma-se que tal iconografia, combinada com a localização da igreja, “estabelecem uma relação imediata” com o referido milagre, ocorrido em Tabgha, a poucos quilômetros de Hippos. Com base nisso, concluem que “é possível dar outras explicações para a presença dos pães e dos peixes no mosaico, mas não se pode ignorar a semelhança das figuras encon-

tradas com a narração do Novo Testamento”.



Reprodução

Nova liquefação do sangue de São Januário

No dia 19 de setembro, quinta-feira, o sangue coagulado de São Januário, martirizado no ano 305, voltou a se liquefazer na presença de uma numerosa multidão.

Seguindo o costume, o Arcebispo Metropolitano, Cardeal Crescenzo Sepe, segurou a relíquia nas mãos para constatar o milagre, que neste ano ocorreu às dez horas e quarenta minutos da manhã. A seguir, deu a todos “a boa notícia”, enquanto o prefeito de Nápoles acenava com um lenço branco. Finalmente, o Cardeal se dirigiu até as portas do templo para abençoar os fiéis.

Um milhão de angolanos veneram “Mamã Muxima”

Nos dias 31 de agosto e 1º de setembro, aproximadamente um milhão de fiéis se congregaram no Santuário de Nossa Senhora da Conceição, em Luanda, para louvar a Maria Santíssima, a quem os angolanos chamam carinhosamente de *Mamã Muxima*. A romaria deste ano, cujo lema foi *Com Maria, celebremos a fé em Jesus Cristo*, atraiu fiéis de países vizinhos e até do longínquo Portugal. O grande afluxo de peregrinos levou as autoridades a estender para três dias as comemorações do ano de 2020.

Erigido em 1599, o Santuário da Muxima possui grande significado histórico para o povo angolano. Ali eram batizados, em tempos remotos, os africanos embarcados como escr-

vos para as Américas. A população nativa logo começou a atribuir à “Senhora de Muxima” a realização de diversos milagres, dando origem à devoção.

Milhares de pessoas aprendem latim pela internet

A plataforma online Duolingo passou a dispor, há algumas semanas, de um curso de latim para iniciantes, o qual, por possuir faixas de áudio, permite familiarizar-se também com a língua falada.

O curso se encontra ainda em versão beta, mas já conta, segundo a plataforma, com 365 mil alunos inscritos.

Dois milhões de medalhas milagrosas distribuídas nos Estados Unidos

A Miraculous Medal Association, vinculada ao Santuário Nacional de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa de Perryville, Missouri, organizou a distribuição de dois milhões de medalhas para celebrar a festa da Natividade de Maria, no dia 8 de setembro. Segundo a associação, as medalhas, entregues sem custo àqueles que as solicitavam, já se esgotaram, tornando necessária a preparação de uma nova remessa.

Novos dados a favor da autenticidade do Santo Sudário

Seja através de dados diretos ou indiretos, continuamente aparecem estudos científicos confirmando a autenticidade do Santo Sudário de Turim, e um dos mais recentes provém dos professores Giulio Fanti e Claudio Furlan, da Universidade de Pádua.

Em um recente artigo publicado no *Journal of Cultural Heritage*, eles detalham o resultado das análises realizadas em amostras de pó retiradas da síndone no ano de 1978, por ocasião do Shroud of Turin Research Project. Nelas os cientistas encon-

Santa Dulce dos Pobres é canonizada no Vaticano

No dia 13 de outubro, a Ir. Dulce Lopes Pontes de Souza Brito foi elevada à honra dos altares na Praça de São Pedro. Junto com ela foram canonizados o Cardeal John Henry Newman, Giuseppina Vannini, Maria Teresa Chiramel Mankidiyan e Margarida Bays.

A Ir. Dulce, Maria Rita antes de sua profissão religiosa, recebeu o apelativo de Santa Dulce dos Pobres ou “Anjo Bom da Bahia”, em alusão à sua terra natal e ao enorme trabalho de caridade por ela realizado.

Nascida a 26 de maio de 1914 na cidade de Salvador, tornou-se candidata ao Prêmio Nobel da Paz no ano de 1988. Em 1991 foi visitada pelo Papa São João Paulo II, no hospital em que convalescia da doença que a levaria à morte. Faleceu em 13 de março de 1992 e em maio de 2011 foi proclamada Beata, em cerimônia presidida pelo Cardeal Geraldo Majella Agnelo, enviado especial do Papa Bento XVI.

O milagre que conduziu à canonização da Ir. Dulce, primeira Santa nascida no Brasil, foi a cura de um maestro que havia perdido a vista quatorze anos antes, por causa de um glaucoma. Ele sofria também com as dores provocadas por uma conjuntivite, o que não lhe permitia dormir. Após colocar sobre os

olhos uma imagem da então Bem-Aventurada, adormeceu de imediato e, na manhã seguinte, recuperou a visão.

Cerca de dez mil brasileiros, entre os quais o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, estiveram presentes na cerimônia. Dois dias depois, foi apresentado um projeto de lei na Câmara dos Vereadores de Salvador propondo tornar feriado municipal o dia da canonização da Ir. Dulce.



Vista da Praça de São Pedro durante a cerimônia de canonização; em destaque, retrato oficial da nova Santa

Fotos: Reprodução

traram partículas muito pequenas de uma mistura de ouro e prata característica de certas moedas bizantinas, o que confirmaria a presença do Santo Sudário em Bizâncio entre os anos 1028 e 1204, quando ele foi levado para a Europa.

De onde teria vindo a quantidade de ouro no tecido? Segundo os investigadores, uma explicação simples e plausível seria o costume de os fiéis friccionarem suas moedas no Sudário para transformá-las em relíquias. Algumas delas eram cunhadas com o rosto de Nosso Senhor, o que daria maior sentido ao gesto.

Arquidiocese de Valência cria paróquia para chineses

Na Arquidiocese de Valência, na Espanha, foi fundada uma “paróquia pessoal” para a população chinesa católica da cidade, sob a invocação de Nossa Senhora de Sheshan. Tendo como sede o templo de Santa Maria Goretti, as Missas da nova paróquia são oficiadas em chinês, assim como as reuniões semanais de formação.

Freiras dominicanas chinesas orientam as atividades do conjunto feminino, chamado *Casa de Marta*, ao passo que o pároco se encarrega

da formação dos homens, reunidos no grupo *Casa de José*. Além destes, existem vários outros grupos de oração que se congregam para comentar as Escrituras e rezar em sua própria língua. Dois coros, um de crianças e um de adolescentes, se encarregam dos cantos litúrgicos das Celebrações Eucarísticas.

A Primeira Comunhão se dá após dois anos de preparação, e é realizado um retiro por mês. Todas as quintas-feiras há Adoração Eucarística, com turnos assumidos pelos fiéis desde as onze horas da manhã até o fim da tarde.

É preciso ter união

No fim do dia, Thomas e eu adormecemos profundamente. Não sei bem se foi um sonho ou uma visão, mas naquela noite ouvi dizer: “Para triunfar em qualquer aventura, é preciso ter união”. Qual seria a mensagem que o Anjo queria nos transmitir?



Ir. Giovana Wolf Gonçalves Fazzio, EP

Era uma tarde nublada e fria do outono inglês. Empurradas pela brisa, as folhas avermelhadas que caíam das árvores moviam-se para longe, bem longe... Meu amigo Thomas e eu, vendo-as se deslocarem pelo ar, tínhamos o mesmo pensamento: “Como seria bom ser uma delas: voar, encontrar novos lugares, lançar-nos em aventuras!”

— Mr. Herbert, quantos anos o senhor tinha nessa época?

— Ah, meu pequeno Edward, eu tinha a sua idade: onze anos. E mesmo agora, com oitenta e oito, não me esqueço do dia em que Thomas e eu resolvemos sair da aldeia. Nossas almas ansiavam por encontrar algo maravilhoso, mas Deus ultrapassou as nossas expectativas!

Tudo começou quando entramos na Floresta Redwood...

— Mas, Mr. Herbert, essa floresta está cheia de perigos! Dizem ser tão densa que não se consegue enxergar a luz do sol nem de manhã.

— Sim, sim. Nós sabíamos disso, mas tínhamos também ouvido dizer que havia uma cidade

maravilhosa no seu interior, cheia de torres, muralhas, baluartes e janelas! Sabe, o meu maior sonho era conhecer um castelo por dentro. Então, vencemos o medo e fomos de encontro ao perigo!



Ilustrações: Lucilla Bernadete Guarany

“Como seria bom ser possível voar, encontrar novos lugares, lançar-nos em aventuras desconhecidas!”

Conforme caminhávamos, começamos a sentir frio, fome, cansaço... No fim do dia, adormecemos profundamente. Não sei bem se foi um sonho ou uma visão, mas naquela noite um Anjo muito bondoso disse-me estas misteriosas palavras: “Para triunfar em qualquer aventura, é preciso ter união”.

Muito aturdido, coloquei a mão na cabeça, sem poder compreender exatamente o que queria dizer meu misterioso interlocutor: “Aventura... união... Thomas e eu brincamos juntos, estudamos juntos, nossos pais são amigos... Somos muito unidos”. Mas o Anjo, como se tivesse lido os meus pensamentos, continuou: “Ter união é saber carregar a fraqueza do outro, auxiliá-lo em suas necessidades”.

Acordei assustado e comeci a me apalpar para ver se aquilo era realidade. Contudo, decidi não contar nada disso a Thomas.

Na manhã seguinte continuamos o percurso rumo ao desconhecido. Chegados a uma encruzilhada, não sabíamos que trilha tomar. Quis continuar pelo lado direito, mas Thomas achava melhor prosseguir pela esquerda.

Discutimos tanto que terminamos brigados, a ponto de quase não mais nos falarmos. Mas como ele não queria ficar sozinho, resolveu a contragosto acompanhar-me.

Seria extenso demais narrar todos os perigos pelos quais passamos ao longo do percurso até que, depois de alguns dias de caminhada, avistamos um imponente castelo.

“Por fim chegamos!”, bradei com muita alegria. Mas Thomas nem chegou a me escutar: tinha saído correndo em direção à fortaleza. Quando estava tão longe que eu já não podia mais vê-lo, percebi haver do outro lado um segundo castelo, ainda maior e mais belo. Era realmente magnífico! Ajoelhei-me e agradei a Deus por ter-me feito chegar até lá. E, quando levantei a cabeça, adivinha quem eu encontrei?

— A rainha, Mr. Herbert!

— Não, Edward. Diante de mim estava o mesmo Anjo que tinha visto naquela noite. Ele me estendeu um molho de chaves e disse-me que fosse até o castelo e abrisse a porta principal.

Depois de algumas tentativas — pois o molho tinha muitas chaves —, consegui entrar.

— Nossa! E o que aconteceu lá dentro, Mr. Herbert?

— Entrei no majestoso prédio e deparei-me com um corredor largo, onde havia muitas portas. Tentei abrir a mais próxima, mas estava trancada. O Anjo apontou para o molho de chaves e concluí que uma delas abriria a porta. Acertei na primeira tentativa! Entramos, então, numa capela toda feita de pedras coloridas e madeira entalhada.

Rezei um pouco e logo me dirigi a outra porta. Porém, só encontrei a chave depois de várias tentativas... Afinal, consegui entrar: era a sala de



Muito aturdido, coloquei a mão na cabeça, sem poder compreender exatamente o que meu misterioso interlocutor queria dizer

armas! Ali havia canhões, espadas, armaduras. Eu não podia acreditar no que estava vendo!

Passei por outros salões e corredores; subi escadarias e me detive em belíssimos patamares. Entretanto, ao tentar abrir a última porta, experimentei todas as chaves e nenhuma delas serviu...

Como o Anjo não estava mais ao meu lado, saí do castelo em busca de alguém que pudesse me ajudar. Não havia ninguém... a não ser Thomas, que vinha com a fisionomia bastante mudada. Já não estava mais com aqueles ares de querer tomar-me a dianteira. Aliás, eu também não me lembrava mais das brigas que tivéramos no caminho.

“Thomas”, disse-lhe humildemente, “o castelo é belíssimo, mas acho que o Anjo...”

“Anjo?!”, interrompeu meu amigo. “Um Anjo estava lhe esperando? Com um molho de chaves na mão? A mim também!”

Nesse momento, um peso se fez sentir na minha consciência. Se em lugar de manter silêncio tivesse lhe transmitido o conselho do Anjo, talvez as coisas tivessem corrido de forma diferente.

“Mas creio que se equivocou, pois está faltando uma chave”, completou Thomas, mostrando-me o seu volumoso molho. “Certamente ela dá acesso à parte mais magnífica do castelo!”

“É curioso...”, respondi. “Comigo aconteceu a mesma coisa: minhas chaves abrem todas as portas, com exceção da última”.

O ar consternado do meu amigo encheu-me de compaixão. Esquecendo que eu tinha o mesmo problema que ele, atalhei: “Thomas, vou tentar lhe ajudar. Vamos voltar para o seu castelo”.

Fomos direto até a porta que nenhuma de suas chaves tinha aberto. Então, tomei o meu molho e pus-me a testar todas as chaves até que — oh, surpresa! — uma delas se encaixou na fechadura e abriu a pesada porta.

Nossa, Edward, você não imagina como era bonito aquele salão! Superava tudo o que tínhamos visto até aquele momento. E lá dentro nos esperava o Anjo, que disse sorrindo: “Para triunfar em qualquer aventura, é preciso ter união!”

E em seguida acrescentou: “Deus quis Se servir desse episódio para vos mostrar a beleza da ajuda recíproca e a importância que ela tem nas vossas vidas. Ninguém chega ao Céu sozinho. Cada um de vós precisa de um irmão que o aconselhe, que sofra junto com ele, que o corrija e ampare! Muitas vezes só encontrareis a saída para os problemas apoiando-se um no outro”.

Foi a maior lição que recebi em minha vida! ✧

OS SANTOS DE CADA DIA

1. Solenidade de Todos os Santos

Santos Jerónimo Hermosilla e Valentino Berrio Ochoa, Bispos, e **Pedro Almato Ribeira**, presbítero, mártires (†1861). Missionários dominicanos espanhóis decapitados em Hai Duong, Vietnã.

2. Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos.

Beata Margarida de Lorena, religiosa (†1521). Duquesa de Alençon, França, que após ficar viúva abraçou a vida religiosa num mosteiro de clarissas que ela mesma mandara construir.

3. XXXI Domingo do Tempo Comum.

São Martinho de Porres, religioso (†1639 Lima - Peru).

São Joanício, monge (†846). Abandonou o exército imperial para viver como eremita no Monte Olimpo e depois ingressou no mosteiro de Antídio, Turquia.

4. São Carlos Borromeu, Bispo (†1584 Milão - Itália).

Beata Francisca de Amboise, religiosa (†1485). Desposada com Pedro II, duque da Bretanha, fundou em Vannes o primeiro Carmelo feminino da França, para onde se retirou quando ficou viúva.

5. Santa Bertila, abadessa (†c. 705). Primeira superiora do mosteiro de Chelles, França, fundado pela Rainha Santa Batilde.

6. São Nuno de Santa Maria, religioso (†1431).

Santo Estêvão de Apt, Bispo (†1046). Fez duas peregrinações a Jerusalém e reconstruiu a catedral de sua Diocese de Apt, na França.

7. São Pedro Wu Guosheng, mártir (†1814). Ao tomar contato com



Francisco Lecaros

Beata Francisca de Amboise
Catedral de São Pedro,
Vannes (França)

os missionários, abraçou a Fé, abandonou sua profissão de estalajadeiro e tornou-se catequista. Foi o primeiro mártir chinês da perseguição imperial.

8. Santo Adeodato I, Papa (†618). Amou o seu clero o seu povo com admirável simplicidade e sabedoria.

9. Dedicção da Basílica do Latrão.

Santa Isabel da Santíssima Trindade, virgem (†1906). Procurou desde criança, no íntimo do coração, o conhecimento e a contemplação da Santíssima Trindade. Faleceu aos vinte e seis anos no Carmelo de Dijon, França.

10. XXXII Domingo do Tempo Comum.

São Leão Magno, Papa e Doutor da Igreja (†461 Roma).

Santo André Avellino, sacerdote (†1608). Mestre de noviços e depois superior da casa dos teatinos de Nápoles, Itália, fez voto de cada dia progredir na virtude.

11. São Martinho de Tours, Bispo (†397 Candes-Saint-Martin - França).

Santa Marina de Omura, virgem e mártir (†1634). Terciária dominicana, presa e queimada viva em Nagasaki, Japão.

12. São Josafat, Bispo e mártir (†1623 Witebsk - Bielorrússia).

São Cuniberto, Bispo (†663). Renovou na Diocese de Colónia, Alemanha, a vida eclesiástica e a piedade dos fiéis depois das invasões dos bárbaros.

13. Santa Maxelendes, virgem e mártir (†670). Morta ao fio da espada de seu pretendente, em Cambrai, França, por ter escolhido a Cristo como esposo.

14. São Lourenço O'Toole, Bispo (†1180). Bispo de Dublin, Irlanda, promoveu vigorosamente a disciplina regular da Igreja e empenhou-se em obter a concórdia entre os príncipes.

15. Santo Alberto Magno, Bispo e Doutor da Igreja (†1280 Colónia - Alemanha).

São José Mkasa Balikuddembé, mártir (†1885). Prefeito do palácio real em Mengo, Uganda. Após receber o Batismo, converteu muitos jovens a Cristo e os protegeu do Rei Mwenga, sendo degolado por este motivo.

16. Santa Margarida da Escócia, rainha (†1093 Edimburgo - Escócia).

Santa Gertrudes, virgem (†1302 Helfta - Alemanha).

Santo Edmundo Rich, Bispo (†1240). Arcebispo de Cantuária, Inglaterra. Exilado por defender os direitos da Igreja, viveu santamente entre os monges cistercienses de Pontigny, França.

17. XXXIII Domingo do Tempo Comum.

Santa Isabel da Hungria, religiosa (†1231 Marburgo - Alemanha).

Beata Salomé de Cracóvia, abadessa (†1268). Nobre polonesa casada com o rei da Hungria. Após a morte do esposo, fez-se religiosa clarissa.

18. Dedicção das Basílicas de São Pedro e São Paulo.

Santo Odon, abade (†942). Segundo abade de Cluny, restaurou a disciplina em numerosos mosteiros da França e da Itália.

19. Santos Roque González, Afonso Rodríguez e João del Castillo, presbíteros e mártires (†1628).

Santa Matilde, virgem (†c. 1298). Religiosa de sublime doutrina e humildade, foi mestra de Santa Gertrudes, a Grande, no Mosteiro de Helfta, Alemanha.

20. São Gregório Decapolita, monge (†842). Foi cenobita, anacoreta e peregrino. Morreu em Constantinopla, onde lutou pelo culto das imagens sagradas.

21. Apresentação de Nossa Senhora.

São Gelásio I, Papa (†496). Esclareceu as competências dos poderes temporal e espiritual e a sua mútua independência. Morreu paupérrimo devido à sua grande caridade em socorrer os pobres.



São Jerónimo Hermosilla
Catedral de Santo Domingo de la Calzada (Espanha)

Francisco Lecaros

22. Santa Cecília, virgem e mártir (†séc. inc. Roma).

Beato Tomás Reggio, Bispo (†1901). Arcebispo de Gênova, Itália, fundou a Congregação das Irmãs de Santa Marta.

23. São Clemente I, Papa e mártir (†séc. I Criméia).

São Columbano, abade (†615 Bobbio - Itália).

Beata Henriqueta Alfieri, virgem (†1951). Religiosa das Irmãs da Caridade de Santa Joana Antida Thouret, que exerceu seu apostolado junto aos encarcerados, em Milão, Itália.

24. Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.

Santos André Dung-Lac, presbítero, e **companheiros**, mártires (†1625-1886 Vietnã).

São Porciano, abade (†d. 532). Sendo jovem escravo, procurou refúgio e liberdade num mosteiro da região de Clermont-Ferrand, França, do qual se tornou monge e depois abade.

25. Santa Catarina de Alexandria, virgem e mártir (†séc. inc. Egito).

Beata Isabel Achler, virgem (†1480). Reclusa no convento da Ordem Terceira Regular de São Francisco, em Reute, Alemanha.

26. São Leonardo de Porto Maurício, presbítero (†1751). Sacerdote franciscano, empregou sua vida na pregação e na edição de livros de piedade. Participou de mais de trezentas missões na Itália.

27. Nossa Senhora das Graças ou da Medalha Milagrosa.

São Gulstano, monge (†c. 1040). Tornou-se famoso no mosteiro de Rhuys, França, porque, apesar de analfabeto, cantava de cor o saltério e prestava assistência aos navegantes.

28. São Tiago della Marca, presbítero (†1476). Franciscano, discípulo de São Bernardino de Sena. Pregou na Itália, Polónia, Boémia, Bósnia e Hungria, e faleceu em Nápoles.

29. Beato Redento da Cruz, religioso e mártir (†1638). Natural de Paredes de Coura, foi um nobre português que ingressou na Ordem do Carmo e foi martirizado em Samatra (atual Indonésia), por não negar a fé católica.

30. Santo André, Apóstolo.

São Cutberto Mayne, presbítero e mártir (†1577). Convertido ao Catolicismo e ordenado sacerdote, exercia seu ministério na Inglaterra quando foi descoberto e condenado à morte no reinado de Isabel I.

Um convite a conversar

Deus quer que nossas almas sejam belas como o são tantas maravilhas feitas por Ele na terra. E a propósito delas parece perguntar-nos: “Meu filho, você quer ser assim também?”

Que carinho de Deus para com o homem! Criando-o à sua imagem e semelhança, cumulou-o de felicidades.

No Paraíso Terrestre, a inocência reinava em seu coração, ele agia assistido pelo dom de integridade e pairava sobre seu ser a promessa da imortalidade. Que palácio deste mundo poderia se comparar ao jardim que o Senhor lhe havia dado por morada? Contemplando uma natureza em perfeita ordem e em completa consonância com

a harmonia de sua alma, Adão e Eva percebiam em tudo que os cercava um reflexo imaculado do Criador.

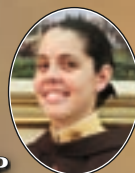
Ora, pálida era a alegria encontrada pelo homem em tudo isso se comparada ao gáudio supremo e insuperável experimentado no convívio com o próprio Deus, que condescendia em vir todos os dias, à brisa da tarde, conversar com Adão. Não seria demasiado imaginar como toda a natureza se vestia de gala para receber a visita divina: de que cores se tingiam os céus, com que

esplendores o sol se esforçava em brilhar, que melodias entoavam os pássaros!

Mas, mas, mas... Adão pecou, a ordem da criação foi afetada e a História seguiu o triste curso do homem decaído. Porém, o Pai Celeste, em seus desígnios de misericórdia, continua a convidar a humanidade de diversos modos para a intimidade de seu convívio. E, muitas vezes, é também por meio da natureza que Ele transmite seus recados.

Quem mora em Asunción, no Paraguai, encontra, não muito

sobre o Paraíso



Ir. Beatriz Moreira Pinto, EP

Ismael Fuentealba

distante da capital, o belo e majestoso Lago de Ypacaraí.

De acordo com certa tradição guaraní, ali havia antigamente apenas uma pequena mina d'água que os indígenas chamavam de Tapaikuá. Mas, por causa de algum pecado, ela começou a transbordar até cobrir as aldeias vizinhas.

Ante tal desventura, recorreram ao Frei Luís de Bolaños, religioso franciscano em missão por aquelas paragens. Ele foi até lá, impôs as mãos sobre as águas e lhes ordenou, em nome de Deus, que se acalmassem. A partir de então, o

local passou a chamar-se “Ypacaraí”, que significa “água abençoada”.

Embora sempre ornado de singular formosura, é no entardecer que o lago reveste-se de todo o seu esplendor. Identificando-se com os fulgores celestes, as águas e o firmamento se fazem um. Ora predominam tonalidades douradas, ora sobressai um intenso laranja-rubro, ou ainda um discreto e afável lilás, fazendo com que as águas se assemelhem a pedras preciosas liquefeitas.

Quem sabe se esse espetáculo não é pintado pelo Anjo da nação,

deixando entrever, na feérica harmonia de cores, a sublimidade do Paraíso? De fato, transportados de encanto ao contemplar tal beleza, temos a impressão de que a terra foi elevada ao Céu!

Não é este um exemplo da solicitude divina em atrair a Si os seus filhos no exílio? Como outrora no Éden, Deus parece descer à brisa da tarde e, no íntimo de cada coração, fazer um suave convite: “Meu filho, Eu desejaria que sua alma fosse como esse lago, e pudesse refletir todas as maravilhas do Céu! Você quer?” ✧



Almas caras à Santíssima Virgem

*A*s almas do Purgatório são caras à Santíssima Virgem; são almas predestinadas e santas, almas que muito A amam e que, em sua maior parte, A serviram com fidelidade durante sua vida sobre a terra.

Nas almas do Purgatório Maria vê as filhas bem-amadas do Padre Eterno, as esposas de seu Divino Filho, os templos do Espírito Santo, as imagens de Deus que brilharão um dia no Céu com maravilhoso fulgor. Ela vê nessas almas o preço do Sangue de seu adorável Jesus, as flores imortais que ornarão sua própria coroa durante a eternidade. Nelas, Maria vê seus próprios filhos.

Nossa Senhora libertando
as almas do Purgatório
Igreja de Saint-Malo, Dinan (França)

Pe. Zéphyr-Clément Jourdain